

MATEMÁTICA

TREINOS PARA OLIMPÍADAS
DESAFIAM CRAQUES EM
CÁLCULO E RACIOCÍNIO LÓGICO

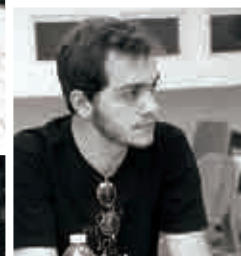
SABERES

A IMPORTÂNCIA DAS
HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

CURRÍCULO

UM PLANO DE ENSINO
INTERDISCIPLINAR E CONSISTENTE





Caro leitor,

Que orgulho que dá folhear estas páginas! Não há nada mais gratificante para um educador do que constatar a perspicácia e a maturidade com as quais nossos alunos enfrentam as grandes questões de nosso tempo. Nesta edição, você encontrará análises afiadas de temas como a desigualdade de gêneros, as novas formas de vigilância às quais nos submetemos diariamente e a relevância da produção cultural popular. Provas de sensibilidade também não faltam nos exemplos de escrita criativa e nas fotografias de autoria dos estudantes reproduzidas na revista.

Em um ano marcado pela polarização de opiniões e pelo desrespeito às diferenças, é bonito ver a tolerância e a solidariedade em ação nos registros dos projetos e eventos realizados aqui no Stockler. São imagens e relatos que reforçam o papel da escola no desenvolvimento de competências que vão muito além dos conteúdos disciplinares. Não deixe de conferir a reportagem sobre habilidades não cognitivas (p. 20) para entender como a perseverança e a amabilidade afetam o aprendizado escolar.

Novos desafios também fizeram parte da nossa história em 2014. Criamos as turmas olímpicas de Matemática e promovemos importantes atualizações em nosso currículo e no material apostilado utilizado pelas turmas da 3ª série do Ensino Médio. Como sempre, o corpo docente arregaçou as mangas e entregou-se a essas tarefas com muita dedicação e seriedade.

Para viabilizar todas essas atividades, temos a sorte de contar com uma equipe de colaboradores extremamente comprometida. Seu trabalho ocorre, muitas vezes, nos bastidores da escola, mas as marcas dessa dedicação estão por toda parte. Reparem nos sorrisos que estampam as contracapas da revista. Olho para estes rostos e vejo gente apaixonada pelo que faz. Torço para que, na convivência diária com esses profissionais, nossos alunos extraiam, também, lições de vida.

Um grande abraço,



Professor Stockler



DIRETOR EXECUTIVO
Marcos Stockler

DIRETORAS ADJUNTAS
Julia Stockler
Mariana Stockler McCulley

DIRETOR ADMINISTRATIVO
Agostinho Marques Filho

DIRETORES PEDAGÓGICOS
Almir Bunduki
Josely Maria Ofenböck Magri
Sonia Cavalheiro Borghi

COORDENADOR PEDAGÓGICO
Leonardo Murasaki

**SUPERVISOR DA ÁREA
DE HUMANIDADES**
Eduardo Valladares

**SUPERVISOR DA ÁREA
DE CIÊNCIAS DA NATUREZA**
Dononzor Sella

ORIENTADORAS EDUCACIONAIS
Giselle Pretti
Kátia Ritzmann
Maria José Gimenes
Sueli Garcia

COMUNICAÇÃO
Júlia Blumenschein

O Ano em Revista é uma publicação do Colégio Stockler, com conteúdo e design produzidos pela agência PiU Comunica.

PiU comunica!

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Anna Angotti e Claudia Carmello
EDIÇÃO

Paula Takada
PROJETO GRÁFICO E DESIGN
Maira Tanaka
Natália Mori (assistente de arte)

REPORTAGEM
Ana Paula Severiano, Elisangela
Fernandes e Paula Nadal
REVISÃO
André Albert

Impressão Margraf



6. *Acontece*

Os eventos culturais e esportivos que agitam a agenda do aluno Stockler em 2014



20. Aprender a ser

Organização, persistência e disciplina: habilidades fundamentais para um aluno e futuro profissional de sucesso

30. Olimpíadas que transformam o conhecimento

Aulas especiais de Matemática preparam estudantes para participar de competições

42. Currículo em destaque

O planejamento integrado prepara para o vestibular e garante a formação de jovens críticos



48. Mural dos alunos: Protagonismo

Seja nos trabalhos de campo, seja nos projetos em sala de aula, os jovens são sempre sujeitos ativos da aprendizagem

58. Mural dos alunos: Reflexão

A leitura crítica da realidade que nos cerca expressa em artigos de opinião, entrevistas, contos e outras produções discentes

74. Ponto final

Book Covers: a história em quadrinhos
Maus ganha novas capas, produzidas nas aulas de Inglês



ACONTECE

Os eventos culturais e esportivos que marcaram a agenda do Stockler em 2014

texto ELISANGELA FERNANDES

CICLO TEATRAL

ABRAM AS CORTINAS!

Estudantes de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio exploram a desenvoltura, o improviso e o trabalho em equipe



Em sua 16ª edição, a tradicional Mostra de Teatro de Repertório do Colégio Stockler foi realizada entre os dias 13 e 17 de outubro, no Espaço Cultural Rudolf Steiner. Neste ano, os estudantes interpretaram textos de Nicolai Gogol, Ariano Suassuna, Luís Alberto de Abreu, Molière e Celso Alves Cruz. Ao longo da semana, o público lotou o teatro para conferir as atuações dos estudantes de 1ª e 2ª séries do Ensino Médio, que se apresentaram com segurança, entusiasmo e muito bom humor.

“Fiquei impressionada com a atuação e superação dos alunos”, elogiou Mari-lene Iamauti. “Meu filho é muito tímido, não gostava da área de humanas, e esse projeto contribuiu para que ele se voltasse para a arte e passasse a se interessar por cinema e teatro”, completa.



A adaptação dos textos e a direção foram feitas pelo professor Celso Solha e pela assistente de direção e produção Carolina Gonzalez. “Não esperava que a peça fosse tão boa. Os estudantes estavam muito descontraídos e seguros no palco”, afirmou Ana Carolina Gomes, irmã da estudante Ana Beatriz Gomes. “Sou tímido, mas no palco eu me solto”, ►



Na página da esquerda, aluna da 1ª série C, na peça *Zorro e o Colar Asteca*; nesta página, alunos da 2ª série na aula de teatro com o professor Celso Solha e a assistente de direção e produção Carolina Gonzalez



avaliou Lucas Ventura, que encenou a peça *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Para o estudante da 1ª série, o mais desafiador foi decorar as inúmeras falas de João Grilo. “O mais importante foi o trabalho em grupo. Um ajudou o outro. No teatro há muito coleguismo”, completou.

Após assistir a *Burundanga*, de Luís Alberto de Abreu, a ex-aluna do Stockler Mayara Gomes de Oliveira disse que se lembrou de quando subiu ao palco com seus colegas de classe. Ela elogiou a atuação dos estudantes: “Eles souberam explorar o humor, e as falas estavam muito claras”.



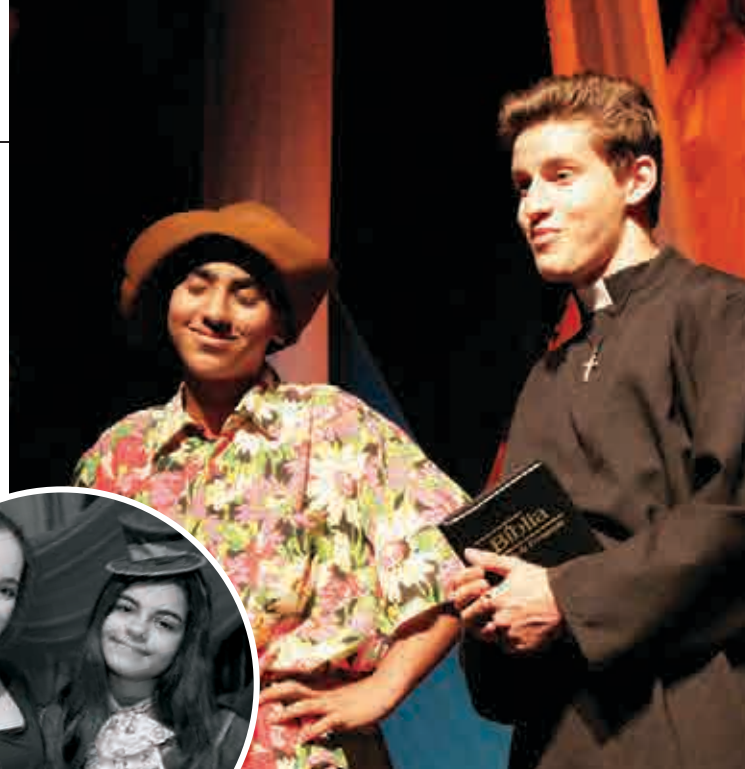
Antes de cada apresentação, o público conferiu a exibição de algumas fotos dos bastidores e dos ensaios.

“É sempre bom ver a graça, a simpatia e a desenvoltura dos jovens no palco”, defendeu Walter Arouca Silvestre, avô da aluna Bruna Prado, que interpretou Arnolfo na peça que encerrou a mostra, *Escola de Mulheres*, de Molière.





3



4



5

Espetáculos 2014

Direção e adaptação dos textos
Celso Solha
Assistente de direção
Carol Gonzalez

- 1 **Zorro e o Colar Asteca**, de Celso Alves Cruz (1ª série C)
- 2 **O Inspetor Geral**, de Nicolai Gogol (1ª série D)
- 3 **O Auto da Compadecida**, de Ariano Suassuna (1ª série A)
- 4 **Burundanga**, de Luís Alberto de Abreu (1ª série B)
- 5 **Escola de Mulheres**, de Molière (elenco da 2ª série)



© Carolina Gonzalez

CAMPEONATO

3ª SÉRIE VENCE A 13ª COPA STOCKLER DE FUTEBOL SOCIETY

A equipe da 3ª série do Ensino Médio foi a grande vencedora da 13ª Copa Stockler de Futebol Society. A disputa aconteceu no dia 18 de outubro, sábado, no Rivellino Sport Center e reuniu alunos, professores e funcionários do colégio. Os estudantes da 3ª A e da 3ª C foram os campeões ao vencer a grande final contra a 2ª D.

O campeonato foi criado há 13 anos com o objetivo de aliviar a tensão do ano escolar, sempre cheio de desafios. À medida que se aproxima o fim do segundo semestre, é grande a expectativa dos estudantes para participar do torneio.

Além disso, os alunos têm a oportunidade de se relacionar com a comunidade escolar. “Esse é um momento ímpar de descontração e entretenimento”, comenta Wilse Ricardo (Chico), professor de Educação Física.

Em 2014, as meninas também entraram em campo. As alunas de 1ª e 2ª séries montaram times e jogaram um amistoso. “É gratificante a participação e o intenso envolvimento das alunas ao longo desses anos”, orgulha-se o professor.

Futebol de três

Em 2014, a quadra do colégio Stockler passou a ser palco do torneio Futebol de Três. Os jogos acontecem no intervalo e têm duração de 12 minutos. Os times são formados por três alunos de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental: um goleiro e dois jogadores de linha.

No primeiro semestre, participaram 12 equipes masculinas e 4 femininas. Os campeões, tanto na disputa dos times femininos quanto na dos masculinos, foram os alunos do 9º ano C. No segundo semestre, disputaram dez equipes masculinas e três femininas. Mais uma vez, o time masculino do 9º C ganhou a competição. Entre as meninas, o caneco ficou com o 9º A.

“O objetivo do projeto é estreitar as relações e fomentar o respeito às diferenças”, explica o professor Chico.



VISITA À BIENAL

Mãos à obra

Os alunos do 6º ao 8º ano foram conhecer a 31ª Bienal de São Paulo, no dia 1º de outubro, no Parque Ibirapuera. A visita guiada à exposição fez parte de uma sequência didática sobre Arte Contemporânea, desenvolvida no último trimestre pela professora Fernanda Assumpção. Uma das atividades foi a produção de uma instalação livre no ateliê do colégio sobre a mesma temática da Bienal: “Como falar de coisas que não existem”.

Com obras polêmicas, de forte cunho político e religioso, a 31ª Bienal favoreceu a discussão a respeito de temas como a função da arte na sociedade e a subjetividade do olhar. “Foi uma exposição bastante politizada e eles tiveram a oportunidade de conhecer um pouco da obra de artistas de diversos cantos do mundo”, explicou Fernanda.

A arte contemporânea aproxima e dialoga, superando a postura meramente contemplativa do observador e causando diferentes sensações e reflexões. “Foi muito gratificante ver como eles se envolveram. Alguns ficaram mexidos. Essa oportunidade faz abrir horizontes e conhecer outras realidades a partir da arte”, avalia a professora.

Durante a visita, cada estudante escolheu sua obra preferida, elaborou um registro em forma de desenho e justificou sua escolha. Além disso, eles fizeram uma cobertura fotográfica da mostra. As melhores fotografias foram postadas na página do Facebook da escola (<http://on.fb.me/1zu8H9c>) e no Instagram com a hashtag #StocklerNa31aBienal.

Em grupos, os estudantes fizeram ainda uma grande pesquisa e apresentaram seminários sobre a obra de oito artistas contemporâneos brasileiros: Beatriz Milhazes, Renata Lucas, Vik Muniz, Ernesto Neto, Luis Zerbini, Jonatas de Andrade, Adriana Varejão e Tunga.



MERGULHO NAS CARREIRAS

Ex-alunos relatam como o colégio influenciou suas escolhas profissionais

No dia 16 de agosto, aconteceu a 5ª edição do Mergulho nas Carreiras. Desde que foi criado, o evento tem como objetivo permitir que alunos do Ensino Médio explorem a realidade das profissões que cogitam seguir. Em 2014, a iniciativa também contou com a presença de ex-alunos do colégio e do especialista em desenvolvimento do potencial humano Victor Mirchawka Junior, que abriu as discussões com uma palestra sobre a importância da autonomia na construção da carreira (leia entrevista na página 28).

Mesas-redondas com profissionais de diferentes áreas trataram da rotina de cada carrei-

ra, do perfil profissional valorizado atualmente pelo mercado de trabalho, da evolução salarial ao longo do tempo e de características de algumas faculdades.

Segundo Daniela Sanches, arquiteta formada pela Belas Artes, a passagem pelo Stockler foi fundamental para despertar o interesse pelas Ciências Humanas. “Quando cheguei aqui, encontrei uma turma pequena, aconchegante, e o melhor: ótimos professores. O que mais me marcou foram as aulas de História, pois nunca gostei dessa área. Em tempo, essa disciplina passou a ser a minha predileta!”

Carlos Roberto da Rocha, estudante do 5º ano na Escola Paulista de Medicina, destacou pontos importantes oferecidos pelo colégio que o ajudaram a vencer o vestibular de Medicina. “Como as turmas são menores, os professores podem dar uma atenção especial para cada um. Isso foi fundamental para que eu pudesse ir bem no vestibular. Atualmente, faço residência, e assim que terminar a faculdade quero fazer mestrado”, diz.

A mesa que tratou da carreira em Publicidade e Propaganda contou com a participação do também ex-aluno Murillo Verreschi Monteiro Maldonado. Ele está no 3º ano do curso de Publicidade na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM) e trabalha na Red Bull. “Muitas das pessoas que conheci no colégio são meus amigos até hoje! O corpo docente é uma das maiores qualidades do Stockler. Posso dizer que a Ester e o Leo foram os professores que mais marcaram a minha trajetória escolar e profissional!”





PROJETO MONOGRAFIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NO ENSINO MÉDIO

Com a produção de monografias, alunos experimentam práticas acadêmicas que os aguardam na graduação

Ao final da 2ª série do Ensino Médio, os alunos do Stockler são desafiados a elaborar um projeto de pesquisa. No ano seguinte, eles executam a proposta, investigando a fundo um tema de interesse e comunicando suas descobertas no formato de monografia acadêmica, sob a orientação de professores escolhidos por eles. Na elaboração da monografia, os alunos precisam cumprir as exigências científicas que vão enfrentar em breve, quando estiverem na faculdade. O esforço é grande, mas vale a pena. Palavra dos ex-alunos.

“No final do Ensino Médio, ainda não havia decidido a carreira que ia seguir. Mesmo em dúvida entre os cursos de Engenharia e Direito, optei por fazer minha monografia sobre um tema jurídico: ‘O Direito na Tecnologia da Informação’. Com a oportunidade de pesquisar e de me aprofundar nesse trabalho, pude conhecer mais essa carreira, o que, posteriormente, me fez optar pelo curso que faço hoje. Esse projeto afetou a minha formação não apenas na vida acadêmica, mas também na vida profissional. As melhores monografias foram publicadas na Revista Resgates. Então, saí do colégio com uma publicação em meu nome. Isso apareceu como um diferencial no meu currículo, possibilitando meu primeiro estágio em um grande escritório. Agora, estou fazendo

um trabalho de Iniciação Científica voltado justamente para o avanço tecnológico do Poder Judiciário.”

Rodrigo Luiz de Souza e Silva, estudante do 3º ano de Direito no Mackenzie.

“Na 3ª série, sob pressão do vestibular, considerava que não precisávamos fazer um trabalho de peso como a monografia. Achava que não daria conta. Porém, o apoio dos professores, não só sobre metodologia de pesquisa, mas nas indicações de leitura e nas conversas, contribuiu para organizar o pensamento. Quando cheguei à universidade, vi o quanto esse projeto foi importante. Uma iniciação.”

Izabela Harumi Nishioka, estudante do 3º ano de Psicologia na PUC-SP.

PRÉ-VESTIBULAR

Novas apostilas para revisar os conteúdos

Para acompanhar as frequentes mudanças dos principais vestibulares do país e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o Colégio Stockler atualiza anualmente o material usado pelos alunos no segundo semestre da 3ª série do Ensino Médio.

Cada disciplina utiliza quatro apostilas teóricas e três de exercícios – e todo esse material passou por algum tipo de alteração. Nos últimos anos, os vestibulares apresentaram questões de Inglês, por exemplo, que exigiam exclusivamente a interpretação de textos. Portanto, o novo material desta área passou a priorizar esta

habilidade. Já os volumes de Redação foram reescritos para melhor atender às demandas do Enem e de exames que mudaram, como o da Unicamp, no qual a produção escrita dos candidatos passou a ter mais peso na nota final.

Regina Célia Giraldo de Mello, coordenadora da área de História, colaborou com a reescrita das apostilas. “Foi um trabalho muito intenso, mas muito satisfatório. Em agosto deste ano, os alunos já estavam usando o novo material com questões dos vestibulares que haviam acabado de acontecer no meio do ano”, conta a professora.



© Carolina Gonzalez

VESTIBULAR

ILUSTRES PROFESSORES NA REVISÃO FUVEST

No segundo semestre, o vestibular passa a ser o foco das turmas da 3ª série do Ensino Médio. Para retomar os conteúdos de maneira intensa, mas ao mesmo tempo motivadora, o Stockler organiza todo ano a Revisão Fuvest, com aulas especiais ministradas por um time de primeira, formado por professores de dentro e de fora do colégio.

De acordo com Almir Bunduki, diretor pedagógico da 3ª série do Ensino Médio, o objetivo dessa revisão é oferecer aos alunos uma abordagem diferente de conteúdos que já foram trabalhados. “Convidamos professores que realizam verdadeiras aulas-show e trazem maneiras alternativas de resolver questões mais complicadas. Eles também estão sempre antenados com o que tem sido cobrado nos últimos exames”, explica.

Este ano, entre os convidados estavam figuras ilustres, reconhecidas pela qualidade de suas aulas em cursinhos pré-vestibulares. Nelson Bacic Olic, geógrafo e comentarista, re-

tomou assuntos de geopolítica, destacando a Rússia, a União Europeia e o Estado Islâmico.

João Usberco, professor de Química e conceituado autor de livros didáticos, realizou demonstrações e experimentos para elucidar conteúdos mais complexos da disciplina.

Graduado em Medicina e com ampla experiência em cursinhos, Heitor Adolfo Willrich Santiago comandou a resolução comentada da lista de exercícios de Biologia.

A revisão de Matemática ficou por conta de Roberto Teixeira Cardoso, mais conhecido como Robby, engenheiro civil formado pela Escola Politécnica da USP, professor e autor de material didático.

Almir destaca a avaliação positiva que esses professores “medalhões” fazem do aluno Stockler. “Eles sempre se dispõem a voltar no ano seguinte para novas palestras, afirmando que gostam do alto nível das perguntas dos nossos vestibulandos”, comenta orgulhoso.

FESTA JUNINA

CAIPIRAS URBANOS

Mais uma vez, a tradicional Festa Junina do Stockler marcou presença no calendário do primeiro semestre com muitas danças, brincadeiras e comidas típicas. Teve até casamento, comemorado com uma animada quadrilha de casais invertidos.



© Carolina Gonzalez



© Ana Paula Severiano

BATE-PAPO LITERÁRIO

Oficina de escrita criativa com finalista do Prêmio Jabuti

Em outubro, os alunos da 2ª série do Ensino Médio participaram de um bate-papo sobre literatura contemporânea com o escritor paulistano Julián Fuks.

“A escrita tem que ser algo vivo, dinâmico, que se transforma. Hoje, há esse pacto ambíguo com o leitor. Os limites entre a ficção e a realidade estão fluidos”, afirmou o escritor durante o encontro. Com mediação do professor Vicente Castro, de *Leitura Crítica*, e da diretora adjunta Mariana Stockler, Julián Fuks falou sobre as aflições do processo criativo, a rotina de trabalho e ainda sobre as possibilidades contemporâneas de criação. Ele é autor de *Procura do Romance* (ed. Record), pelo qual foi

finalista dos prêmios Jabuti, Portugal Telecom e São Paulo de Literatura, e do infantil *Menina de Papel* (ed. Iluminuras), finalista do Jabuti 2014, entre outros.

Para a aluna Bruna Prado, a conversa foi reveladora. “Na escola, passamos tanto tempo analisando obras e autores, e, às vezes, esquecemos que eles são pessoas como nós, com indecisões, receios e sentimentos não evidentes em sua escrita. Por isso, adorei a oficina. Foi diferente, pessoal”, avalia. Ao final do encontro, os alunos foram convidados a escrever um texto e compartilhá-lo com os colegas.

Confira duas dessas produções na seção **Mural dos Alunos**, p. 70.



© Colégio Stockler

PATH TO SUSTAINABLE ENERGY

Energia que sustenta e integra o mundo

Um grupo de 13 alunos da 2ª série do Ensino Médio participou do projeto especial “Path to Sustainable Energy” (PASE), realizado pela ONG Global Nomads Group em parceria com escolas da América do Norte, da América do Sul e do Qatar. A experiência, iniciada no ano passado com o projeto “Road to Doha”, abordou em 2014 as alternativas para a produção de energia sustentável.

As discussões ocorreram por meio de videoconferências e abordaram o consumo de energia, bem como o impacto de comportamentos culturais no esgotamento dos recursos do planeta. Durante as sessões, conduzidas em inglês, os estudantes exercitaram a

expressão oral e as capacidades de escutar o outro e de se posicionar diante de opiniões divergentes.

“Eles aprenderam a comparar as diferentes matrizes energéticas e reconheceram que o Brasil tem sim avançado na produção de energias alternativas”, explica o professor de Biologia Ismael Andrade.

Na avaliação de Leonardo Carvalho, aluno da 2ª série D, o projeto permitiu conhecer outras culturas. “Durante as videoconferências, nem todas as meninas do Qatar puderam aparecer no vídeo e só ouvimos suas vozes. No começo achamos estranho, mas depois percebemos que são apenas diferenças culturais”, conclui.



Stockler sem fronteiras

No início de março, a professora de Inglês Regina Tarifa foi a Nova York participar do treinamento para uso da plataforma do PASE. “Durante três dias pude conversar, trocar informações e experiências com os mediadores das conferências e educadores dos EUA e do Qatar”, conta. A viagem contribuiu para aprofundar o estudo sobre os conteúdos abordados no projeto.

No mesmo mês, Julia Stockler, diretora adjunta do colégio, e outros educadores dos Estados Unidos e do Qatar apresentaram os resultados do projeto PASE em Austin, no Texas. A exposição ocorreu durante o painel “Global Science Collaborations: Brazil, Qatar and the US”, realizado na SXSWedu Conference.

A conferência, com duração de quatro dias, tratou da inovação na aprendizagem por meio de oficinas interativas, relatos de experiência e exibições de filmes, entre outras atividades.

ASTROFÍSICA

PIONEERS IN SCIENCE

O Stockler foi selecionado para participar desta iniciativa internacional, que conecta estudantes e importantes cientistas

Jovens do Ensino Médio com bom desempenho em Física participaram do “Pioneers in Science”, uma videoconferência com o astrofísico britânico Martin Rees acompanhada também por alunos dos EUA, Qatar e República Checa. Ocupando atualmente o mais alto cargo acadêmico da área no Reino Unido, o de Astronomer Royal, Lord Rees conversou com os estudantes sobre temas aos quais se dedicou durante toda sua carreira como pesquisador – o Big Bang e a formação de estruturas cósmicas, buracos negros e núcleos galácticos.



© Colégio Stockler



© Divulgação



© Colégio Stockler

CIÊNCIA DE PONTA

PESQUISADORES ATUALIZAM ALUNOS EM GENÉTICA

Os vestibulandos das áreas de ciências biológicas sabem que assuntos ligados às recentes investigações sobre os genes têm grandes chances de aparecer em questões, sobretudo nas da segunda fase dos principais exames do país. Por isso, o Stockler convidou pesquisadores do Instituto de Biociências da USP para um ciclo especial de palestras com foco neste tema. Roberto Fanganiello, doutor em Genética, explicou conceitos da terapia celular e a utilização de células-tronco no tratamento de diferentes patologias. Michel Naslavsky, doutorando, falou sobre doping genético, demonstrando como a constituição fisiológica dos atletas pode impactar nos resultados das competições esportivas. Já Melinda Beccari, estudante de mestrado, tratou da nutrigênica, campo da ciência que busca entender o efeito dos alimentos na expressão gênica, com o objetivo de melhorar a saúde dos indivíduos e prevenir doenças.

CINE DEBATE

HISTÓRIA REVISITADA NO CINEMA

Os anos de chumbo da ditadura militar, a Era Vargas e a escravidão foram destaques na programação do Cine Debate. As sessões ocorreram no Espaço Itaú de Cinema, na rua Augusta, região central da capital paulista.

O filme *Repare Bem*, de Maria de Me-deiros, foi exibido em 13 de setembro. O documentário aborda um dos períodos mais dramáticos da história brasileira: a ditadura militar. Durante o evento, os professores Gustavo Paiva (Jornalismo), Benê e Regina Célia (ambos de História) fizeram uma palestra especial para situar o golpe na História do país.

Em 10 de maio, as discussões foram acerca do filme *Getúlio*, de João Jardim, tendo como tema central a atuação de um dos atores mais importantes da História política brasileira.

A primeira sessão do ano, em 12 de março, exibiu o longa *12 Anos de Escravidão*, do diretor britânico Steve McQueen. A história se passa nos Estados Unidos, em 1841, quando um escravo liberto aceita trabalhar em outra cidade e é sequestrado. Vendido como se fosse um escravo, ele precisa superar humilhações físicas e emocionais para sobreviver.



Ditadura militar, Era Vargas e escravidão foram os temas do Cine Debate 2014



© Carolina Gonzalez

RECITAIS

Intervalo para música

Em 2014, os recitais dos alunos de 6º, 7º e 8º anos aconteceram pela primeira vez durante os intervalos das aulas, com músicas dos Beatles e de Dorival Caymmi, "Misty Mountains" (trilha sonora do filme *O Hobbit*), entre outras. "Os novos instrumentos adquiridos pelo colégio, como os metalofones e os xilofones, ampliaram as possibilidades de construção de harmonias", diz o professor Paulo José Afonso Caldas, explicando a programação tão diversa. Para ele, foi emocionante ver os alunos mais velhos assistindo aos mais novos e curtindo os novos instrumentos.

REPERTÓRIO

► 6º A

Beatles, "Let it be", e Dorival Caymmi, "Eu vou pra Maracangalha"

► 8º A

David Donaldson, David Long, Steve Roche e Janet Roddick, "Misty Mountains", e Dorival Caymmi, "Marcha dos Pescadores"

► 7º A

Michael Praetorius, "Bransle de la torche", e Cancioneiro popular sefardita, "A la una"

► 8º B

David Donaldson, David Long, Steve Roche e Janet Roddick, "Misty Mountains", e César Guerra-Peixe e Clóvis Pereira, "Mourão"



© Colégio Stockler

PESQUISA DE CAMPO

A CRISE DA ÁGUA NO CANTAREIRA

Os alunos do 6º ano do Ensino Fundamental foram até o Parque Estadual da Cantareira entender algumas das causas da crise hídrica que assola São Paulo. O parque é uma das maiores florestas urbanas do mundo e está inserido em uma Área de Proteção Ambiental. Constitui o chamado Sistema Cantareira Velho, com inúmeras nascentes e diversos cursos d'água, fundamentais para o abastecimento de água na cidade de São Paulo.

Segundo Matheus Figueiredo Muller, professor de Biologia do colégio, antes da visita foram realizadas atividades preparatórias. “Os alunos estudaram a história e a geografia da região da Cantareira e discutiram sobre a disponibi-

lidade da água na natureza, a crise no sistema e a necessidade do consumo consciente”, conta.

Um dos núcleos visitados foi o Engordador, com sua concentração de córregos e riachos que alimentam o rio Engordador. O nome curioso refere-se à fazenda onde era realizada a engorda do gado que ali chegava. “Com a pesquisa de campo, os alunos compreenderam a relação do parque com a história da região, que entre os séculos XVI e XVIII tinha a pecuária como uma das suas principais atividades econômicas”, explica Regina Giraldo, professora de História.

Após a visita, os conteúdos foram retomados e sistematizados em relatórios, redações e seminários.

CATAVENTO

Ciências na prática

Em outubro, os alunos do 8º ano foram ao Palácio das Indústrias visitar o museu interativo Catavento. “Durante a atividade, os estudantes puderam aplicar na prática muitos conhecimentos cuja teoria aprenderam nas aulas”, explica Matheus Figueiredo Muller, professor de Biologia.

Uma explosão de hidrogênio conduzida por um dos monitores do museu impressionou a turma. Foram aprofundadas as discussões sobre substâncias ácidas e básicas e sobre indicadores de pH. Além dos conteúdos de Química, foram realizadas observações do

céu, que dialogaram com as aulas de Astronomia.

Para Matheus, a visita ao setor do Engenho do museu foi uma das mais valiosas. “Lá, eles tiveram a oportunidade de fazer alguns experimentos de mecânica, óptica e eletricidade com instrumentos e ferramentas usados nos antigos engenhos”, comenta. Com uma única mão, os estudantes puderam levantar 100 kg graças à ajuda de uma roldana. “Essa visita trará grandes contribuições para a aprendizagem deles, pois esses conteúdos serão trabalhados em sala de aula no 9º ano”, diz.

HABILIDADES NÃO COGNITIVAS



APRENDER

»»»»»»»» a ser

Recente pesquisa realizada pelo Instituto Ayrton Senna mostra que ser responsável e perseverante é tão importante para o desempenho escolar quanto o raciocínio matemático e o letramento

texto ANA PAULA SEVERIANO fotos CAROLINA GONZALEZ

No início do primeiro semestre de 2014, Andrea Blau, mãe de Catarina Blau, aluna do 7º ano, recorreu à orientação educacional da escola: “A gente vivia um conflito em casa quando chegava a hora da tarefa. Eu precisava de apoio para ensinar a Catarina a se organizar e estudar”, diz a designer de interiores. Sueli Garcia, psicopedagoga que trabalha com as turmas de 6º e 7º anos no Stockler, sugeriu uma intervenção: ela mesma acompanharia a rotina de estudos de Catarina na escola, à tarde, após o horário regular, em um dos grupos formados pelos alunos do Ensino Fundamental.

Dois trimestres depois, Andrea diz que a dedicação rendeu frutos: “É legal perceber como a Catarina encontrou um jeito próprio de estudar. Ela aprendeu a fazer um material de estudo que resume o conteúdo mais importante. Embora não use tanto a agenda, tira foto da lousa com a tarefa de casa para se organizar depois. A gente vê o retorno desse empenho”. Catarina fechou o primeiro trimestre com cinco notas abaixo da média; no segundo, foram apenas duas. “Estamos aqui investindo na criação de atalhos, aprimorando e desenvolvendo as competências de cada um. Vemos como isso aconteceu com a Catarina: ela ficou mais comprometida, e isso fez a diferença”, arremata Sueli.



SUELI GARCIA, ORIENTADORA EDUCACIONAL DO 6º E DO 7º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, APOIA OS ALUNOS A SE ADAPTAREM À ESCOLA E CRIAREM UMA ROTINA DE ESTUDOS NO SEU DIA A DIA

HABILIDADES NÃO COGNITIVAS

O salto de Catarina só corrobora dados de uma pesquisa pioneira realizada pelo Instituto Ayrton Senna (IAS) em parceria com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e as Secretarias de Educação estadual e municipal do Rio de Janeiro. O estudo “Desenvolvimento socioemocional e aprendizado escolar: uma proposta de mensuração para apoiar políticas públicas” foi realizado com 25 mil alunos de escolas da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. Eles responderam a uma ficha com 92 questões, em que tinham de avaliar, por exemplo, se faziam perguntas que ajudavam a compreender um assunto ou se colaboravam com algum colega quando observavam que ele estava com dificuldades. Dados preliminares atestam que as habilidades não cognitivas, também chamadas de socioemocionais, têm tanto impacto quanto as habilidades cognitivas no processo de ensino-aprendizagem e no sucesso dos alunos – também cidadãos e futuros profissionais.

O relatório elaborado pelo economista Daniel Santos, professor da Universidade de São Paulo (USP),

“Como educadores, mediamos esse processo de quem está aprendendo a ser. Por isso há tanto cuidado com o indivíduo, temos de enxergar o sujeito além do aluno.”

Kátia Ritzmann,
orientadora educacional
do Ensino Médio

DISCIPLINA E ORGANIZAÇÃO
SÃO HABILIDADES
FUNDAMENTAIS PARA O BOM
DESEMPENHO ESCOLAR E
PODEM SER ESTIMULADAS AO
LONGO DA VIDA



e por Ricardo Primi, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano, resume: “Aprender os conteúdos curriculares não envolve apenas competências ligadas à velocidade de raciocínio e à memória, mas exige também motivação e capacidade de controlar a ansiedade e outras emoções”.

A maioria das avaliações considera, sobretudo, a memória, o raciocínio lógico-matemático e as competências dos estudantes relacionadas à leitura, à escrita e à interpretação de textos verbais e não verbais. Essas são habilidades cognitivas, verificadas em exames como o Enem e o Pisa. As habilidades não cognitivas, a princípio mais difíceis de mensurar por meio de testes, são aquelas ligadas ao modo como o aluno encara as tarefas cotidianas, supera as dificuldades, resolve problemas com criatividade e interage com os outros. De acordo com o estudo do IAS, aqui estão incluídas a conscientização (ligada à responsabilidade e à persistência), a abertura a novas experiências, a amabilidade (ligada à cooperação), a estabilidade emocional (vinculada ao autocontrole, por exemplo) e a extroversão.

As habilidades não cognitivas no Stockler

O trabalho da equipe de orientação educacional conjuga estratégias e ferramentas diversas com foco no desenvolvimento integral dos alunos



Planos de estudo

“Desenhamos roteiros de estudo pensados não só para o aluno, mas também para a pessoa. Tenho que enxergar, para além do aluno, o atleta, o bailarino, ou seja, alguém que tem outras atividades fora da escola”, resume Kátia Ritzmann. Os planos desenvolvidos em parceria com a orientação focam também nas dificuldades individuais. O resultado são alunos que enfrentam com mais facilidade o primeiro ano da graduação, por terem adquirido o hábito de estudar e de conciliar isso com suas outras tarefas. “Encaro o plano como um estímulo para superar metas e por meio dele melhorei meu desempenho em todas as disciplinas, mas especialmente em exatas, em que minhas notas eram inferiores”, conta Bruna Brossa, aluna da 2ª série.

HABILIDADES NÃO COGNITIVAS

O desenvolvimento dessas características está quantitativamente relacionado a melhores notas nos testes cognitivos e ao tempo que as pessoas permanecem na escola ao longo da vida – daí, segundo o IAS, a importância de investir em políticas públicas de educação que estimulem as capacidades socioemocionais. Daniel e Ricardo assinalam: “De fato, as pesquisas revelam que o conjunto das características socioemocionais contribui tanto quanto as cognitivas na determinação do êxito escolar. Também no mercado de trabalho essas características são recompensadas na forma de melhores salários e menor período de desemprego”. A boa notícia é que, diferentemente das habilidades cognitivas – algumas das quais, como o letramento, devem ser desenvolvidas na infância –, é possível treinar as habilidades não cognitivas ao longo do tempo para atingir resultados mais satisfatórios em várias esferas da vida.

Para o IAS, o papel das famílias também é fundamental: “Chama a atenção o elevado impacto exercido pelo incentivo que os pais dão aos filhos para estudar”, diz a pes-

Ensino Médio: teatro e monografia



As oficinas de teatro são obrigatórias para os alunos da 1ª série e optativas para os da 2ª série do Ensino Médio. “É um espaço para trabalhar no coletivo novas formas de linguagem e também o respeito pelo outro, o autoconhecimento, a autonomia”, ressalta Kátia Ritzmann, orientadora educacional do Ensino Médio. Já a habilidade de planejamento e a capacidade de fazer escolhas são estimuladas pela escrita de uma monografia, que começa a ser organizada ainda na 2ª série e é concluída no ano seguinte. O tema é livre, mas os alunos devem apresentar um projeto de pesquisa em que detalhem seu objeto de estudo e o viés teórico da abordagem, além de um cronograma viável para executar o trabalho.

"Encaro o plano como um estímulo para superar metas. Por meio dele melhorei meu desempenho em todas as disciplinas."

Bruna Brossa,
aluna da 2ª série
do Ensino Médio

Recuperação contínua

Os alunos do Ensino Fundamental têm aulas semanais de reforço em Matemática e Português. Aqueles que enfrentam mais dificuldades são convocados e sua presença é obrigatória, mas a aula é aberta a todos. Além de sanar os problemas relacionados aos pré-requisitos da faixa etária e do nível de escolaridade, os professores abrem espaço para a solução de dúvidas, o atendimento individualizado e o trabalho em grupo. "Como na recuperação contínua as turmas são menores, os alunos se sentem mais à vontade para fazer perguntas e se expor diante do grupo. É também o momento em que trabalhamos em duplas e resolvemos defasagens de forma cooperativa. Assim o aluno entra no ritmo da escola e percebe que com esforço e estudo focado pode superar dificuldades da sua formação", avalia Patrícia Moleiro, professora de Português.

Tutoria

Uma vez por semana, as orientadoras do Ensino Fundamental se reúnem com os adolescentes e jovens de cada classe. Sueli Garcia desenvolve um trabalho específico voltado para a organização dos alunos de 6º e 7º anos, que ainda estão se adaptando à rotina da escola: "Nas tutorias, ensino a usar a agenda, repasso o calendário com eles, explico o peso das avaliações em cada trimestre. Depois, individualmente, ajudo com a arrumação do armário e das pastas de trabalhos. Com o tempo, eles aprendem a fazer isso de modo mais autônomo". Os encontros também acontecem com as turmas de 8º e 9º anos, com as quais se planeja um programa de estudos antecipado para as provas mensais e trimestrais, e se propõe a organização de trabalhos, tarefas e atividades de recuperação.

JOSELY MAGRI, DIRETORA
PEDAGÓGICA, RESSALTA A
RELEVÂNCIA DO TRABALHO DA
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL
PARA MOTIVAR E ADAPTAR OS
ALUNOS À DINÂMICA
DO COLÉGIO

HABILIDADES NÃO COGNITIVAS

quisa. Os dados também apontam como relevante o número de livros que há em casa e, ainda, indicam que as características dos colegas de sala podem afetar de maneira relevante o desenvolvimento socioemocional individual.

No Stockler, as estratégias e ferramentas usadas para fomentar habilidades não cognitivas desde o Ensino Fundamental II até o Médio são variadas e um dos principais focos do trabalho da orientação educacional. Recuperação contínua, mostra de teatro, projeto de monografia, tutoria, grupo de estudos, planos de estudos individuais e avaliação formativa são alguns deles (veja quadro azul a partir da página 23). “Não queremos formar alunos que são meros cumpridores de tarefas, procuramos educar sujeitos independentes e críticos. A meta não é incentivar a competição nem criar estudantes capazes apenas de reproduzir o conteúdo, mas, sobretudo, fazer com que esse sujeito se aproprie das suas responsabilidades de modo reflexivo”, enfatiza Josely Magri, diretora pedagógica do colégio.



Estudo orientado

À tarde, os alunos do Ensino Fundamental podem se reunir com as orientadoras e outros colegas de classe para revisar o conteúdo. Juntos eles aprendem a fazer resumos em fichas, que muitas vezes são usadas pelos professores em atividades de classe. No grupo de estudos também têm a oportunidade de criar dinâmicas em que ajudam uns aos outros. No Ensino Médio, desde 2013 há encontros para o estudo orientado em ciências humanas.

Tanto a direção da escola quanto as famílias podem acompanhar a evolução dos alunos, do 6º ano do Fundamental à 3ª série do Médio, pelo sistema on-line de avaliação formativa. Nele, os professores de todas as disciplinas atribuem conceitos de acordo com os seguintes quesitos relacionados ao desenvolvimento de habilidades não cognitivas: participação, organização do material, atividades de classe, tarefas e comportamento. O resultado gera devolutivas individuais e pode requerer uma atuação conjunta da orientação educacional e dos pais para sanar problemas.

Avaliação formativa

Os "Big Five"

Testes aplicados em diferentes momentos e contextos culturais para medir habilidades socioemocionais levaram estudiosos a formular a hipótese de que os traços da personalidade humana se organizam em torno de cinco grandes fatores

1. ABERTURA A NOVAS EXPERIÊNCIAS

Aqui se encaixam as pessoas curiosas, com interesse amplo e vontade de viver novas experiências estéticas, culturais e intelectuais. Alunos que apresentam esse fator como dominante faltam pouco às aulas, têm médias mais altas e se interessam pelos cursos mais desafiadores (não necessariamente os mais concorridos).

2. CONSCIENCIOSIDADE

As palavras-chave dessa habilidade são organização, disciplina, responsabilidade e esforço. As pesquisas indicam que quanto mais consciencioso é o indivíduo, mais anos de escolaridade ele alcançará. Como a abertura a novas experiências, também está diretamente ligada ao êxito nas médias escolares. Tanto na escola quanto na vida profissional "o atributo conscienciosidade, que en-

globa disciplina e perseverança, parece ser o mais relevante", diz o relatório do Instituto Ayrton Senna.

3. EXTROVERSÃO

A característica daqueles indivíduos que orientam seus interesses e energia para o mundo exterior, em contraposição às experiências subjetivas. Embora não esteja diretamente ligada a um aumento das médias escolares, seu papel é fundamental nas relações sociais.

4. AMABILIDADE

É o domínio das pessoas que agem de modo altruísta e não egoísta. Cooperatividade e facilidade para realizar tarefas em grupo com tolerância, modéstia e objetividade são as características dos indivíduos em que esse fator predomina.

5. ESTABILIDADE EMOCIONAL

Assim como a conscienciosidade, pouca variação de humor e baixa taxa de transtornos de comportamento, independentemente das pressões do contexto, também estão estatisticamente ligados aos anos de estudo na escola.





ENTREVISTA

"O bom profissional foi um aluno que aprendeu a lidar com adversidades"

Victor Mirshawka Junior é diretor de pós-graduação da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). Formado em Engenharia pela mesma instituição, dá oficinas e palestras sobre criatividade para professores e executivos em todo o Brasil. Nesta entrevista, ele fala sobre o papel da escola e da família na formação de uma geração de jovens que precisa de mais que conteúdo para alcançar o sucesso em suas carreiras e na vida.

Que momento estamos vivendo na educação? Como se explica o atual perfil dos estudantes?

Temos de pensar nos impactos dos meios de comunicação de massa para entender a educação e o jovem hoje. Vivemos a hiperconexão, a maior responsável por

um novo comportamento. Temos acesso a um bufê de informações que favorece o acesso à superfície do conteúdo, mas sem estimular o poder de síntese e de análise. Esta também é a geração do videogame, que cresceu com a noção das recompensas rápidas e também com a ideia de que é possível renascer mil vezes, recomeçar de novo sem qualquer limite. Isso explica por que os jovens, por um lado, são ágeis, têm capacidade de relacionar conteúdos de diferentes fontes de informação muito rápido e – em alguma medida graças à “gameificação” – são resilientes. Por outro, passaram a ignorar barreiras hierárquicas, a não aprender com quem é mais maduro e experiente, e a sofrer diante de frustrações, quando não dá para começar o jogo novamente.

Como isso mudou o papel da escola na formação dos jovens? O abismo entre o modelo da instituição e o modo como a nova geração aprende se ampliou?

No passado, quando eu queria aprender alguma coisa, procurava as instituições formais, tinha de ir à escola. Hoje, o que existe é um ecossistema de fornecedores de educação. Há 20 anos, para consultar uma palavra, eu precisava do dicionário. Agora, essa informação está nos repositórios digitais. Posso usar o Facebook para pedir uma receita de brigadeiro; posso estudar inglês em uma plataforma aberta, que não tem nada de instituição. O conhecimento está disponível on-line e se transformou em commodity. Nesse ritmo, se as escolas continuarem a ser instituições de transmissão do conhecimento, vão desaparecer. Elas precisam se reinventar para fornecer experiências baseadas na facilitação da aprendizagem e também no desenvolvimento de habilidades não cognitivas. Enquanto houver métricas ba-

seadas em critérios de avaliação do governo, as escolas continuarão a fornecer uma educação mais conteudista, mas o ideal é encontrar um equilíbrio. Há escolas nos Estados Unidos que, mesmo com um programa formal rígido e puxado, incluíram em sua grade aulas de oratória, comunicação, empreendedorismo, trabalho social. Ou seja, uma janela para explorar também habilidades socioemocionais.

Para o professor, qual é o desafio?

O professor é o grande facilitador, deve mostrar o significado do processo de aprendizagem. Não há mais aquele professor que sabe tudo, que é o grande repositório de informação. Este é e será sempre superado pela tecnologia. Em vez disso, seu papel é ajudar com a seleção e a síntese, e também estimular a persistência. A gente costuma achar que os empreendedores de sucesso são pessoas criativas, mas eles são mesmo persistentes.

Como a atitude do aluno impacta o profissional que ele será no futuro?

Empiricamente, percebemos que os alunos mais independentes, esforçados e equilibrados vão melhor em suas carreiras. É aquele aluno que não tem necessariamente as melhores notas, mas sabe lidar com a pressão, negociar com o professor e correr atrás das coisas quando parece que nada mais vai dar certo. Um ótimo profissional tem as duas coisas: conteúdo e habilidades socioemocionais desenvolvidas. Mas, entre uma e outra, eu apostaria na inteligência socioemocional como um diferencial para o mercado de trabalho, já que uma parte das tarefas cognitivas pode ser resolvida pela tecnologia.

Nesse contexto, como as famílias podem estimular o desenvolvimento das habilidades socioemocionais em casa?

O modelo familiar está mudando, mas sua função permanece. Por mais que a escola ensine a estudar, há valores e princípios que são cultivados em casa, e essa tarefa não deve ser delegada à escola. Como há pouco tempo [dos pais] para os filhos, nos momentos em que estão juntos tudo é permitido – e a permissividade excessiva gera o caos. Além disso, crianças e jovens replicam o comportamento dos pais: não adianta dizer ao menino para estudar ou ler enquanto você dorme. É preciso, sobretudo, ser coerente.

No livro *Uma Questão de Caráter*, Paul Tough afirma: "O que mais importa no desenvolvimento de uma criança não é a quantidade de informação introduzida em seu cérebro nos primeiros anos de vida. O importante é ajudá-la a desenvolver um conjunto muito diferente de qualidades, entre elas persistência e autocontrole". Há algum problema em criar pessoas que desde cedo têm a agenda cheia e precisam lidar com muita informação?

Crianças que fazem balé, equitação, inglês e têm o horário de um executivo perdem a chance de brincar e de ter contato com os pais e com o outro. Quando crescem, fica um buraco. E, mais uma vez, apesar de todo o estímulo, fica a frustração por não serem capazes de desempenhar bem todas as atividades. Somos criados para o sucesso e temos modelos de jovens como Mark Zuckerberg, mas poucos vão chegar a esse topo. Saber lidar e usar esses fracassos a seu favor é a chave para uma vida adulta recompensadora. ■

$$= \frac{(x+3)(x-3)}{2(x-3)^2}$$

ou $\boxed{\frac{x+3}{2x-6}}$

$$b) \frac{2n^2}{m^2-n^2} = \frac{2n^2}{(m+n)(m-n)}$$

$$= \frac{1 \cdot 2n^2}{(m+n)(m-n)}$$

$$= \frac{m^2 - 2mn + n^2}{(m+n)(m-n)}$$

$$= \frac{(m-n)(m+n)}{(m+n)(m-n)}$$





OLIMPIADAS

que transformam
O CONHECIMENTO

Em projeto-piloto iniciado em abril de 2014, alunos do Stockler treinam para participar de desafios como as Olimpíadas de Matemática.

O resultado são estudantes mais motivados e jovens de alto desempenho encantados com novas formas de produzir conhecimento

texto PAULA NADAL fotos CAROLINA GONZALEZ

MATEMÁTICA

Desafio lançado! Corte 10 algarismos do número 12345123451234512345 para que o número restante seja o maior possível.* Se você parou por alguns segundos para tentar resolver este problema, sabe que a Matemática, suas equações e questões de lógica podem ser apaixonantes, inclusive para alunos de qualquer segmento da Educação.

O Colégio Stockler reafirma seu compromisso com um ensino individualizado ao criar turmas olímpicas com o objetivo de desenvolver as habilidades matemáticas dos estudantes fascinados por cálculos. “Antes tínhamos o Racha-Cuca, com aulas especiais, forçando um pouco mais o desempenho dos estudantes que já tinham facilidade em Matemática. Mas essas aulas tinham foco no vestibular. Neste novo formato, o objetivo é treinar os alunos para as Olimpíadas, em especial a Brasileira e a Paulista. Essas aulas também oferecem a eles uma formação diferenciada”, explica o professor Fernando Santo, coordenador de Matemática no Ensino Fundamental do Stockler.

*RESPOSTA DO DESAFIO:
O MAIOR NÚMERO RESTANTE
É 553451234512345. OS CORTES
DEVEM SER FEITOS DA ESQUERDA
PARA A DIREITA, MAS PRESERVANDO
OS ALGARISMOS 5.



O projeto começou em abril deste ano e as turmas foram separadas de acordo com critérios de avaliação das Olimpíadas Brasileira e Paulista de Matemática. Hoje, a escola trabalha com os alunos das turmas Alfa (de 6º e 7º anos), Beta (8º e 9º anos) e Gama (1ª série do Ensino Médio).

As aulas acontecem no contraturno e o número de alunos por turma varia bastante: há turmas com cinco e outras com 15 estudantes. De qualquer modo, todos os que comparecem são extremamente dispostos a exercitar o pensamento para resolver questões que vão além daquilo que é ensinado no dia a dia. “Nas turmas olímpicas queremos estimular os alunos que já têm um bom desempenho. Aproveitamos toda a garra e seriedade desses jovens para estimulá-los a ter um pensamento diferenciado diante de problemas mais complexos”, explica o professor Fernando Santo, que também leciona a disciplina de Matemática para alunos do Ensino Médio.

As aulas preparatórias para as Olimpíadas também contribuem para o desenvolvimento comportamental dos estudantes: segundo os professores responsáveis pelo projeto, os alunos participantes (que, normalmente, são os mais disciplinados e quietos das turmas) acabam se soltando mais nessas aulas, expondo suas opiniões e comunicando-se melhor com os colegas. Além disso, elas ajudam os jovens a desenvolver habilidades e competências na hora de estudar. “Com o tempo, percebemos que eles vão ganhando maturidade no próprio momento de estudo”, diz Fernando.

PROFESSORA LÍVIA MARCHETTI
E PARTE DA EQUIPE OLÍMPICA.
EM GRUPOS PEQUENOS,
ALUNOS COM FACILIDADE EM
MATEMÁTICA SÃO DESAFIADOS
A IR ALÉM DO QUE É ENSINADO
NAS AULAS REGULARES

“Aproveitamos toda a garra e seriedade desses jovens para estimulá-los a ter um pensamento diferenciado diante de problemas mais complexos.”

Fernando Santo,
coordenador de Matemática
no Ensino Fundamental

Na 1ª série do Ensino Médio, a adesão ao projeto é maior. Para incentivar as turmas, a escola promoveu Olimpíadas internas, que premiam alguns destaques no mês de junho. Dos cerca de 100 alunos matriculados, 70 demonstraram interesse em fazer a prova das Olimpíadas de Matemática da escola, e aproximadamente 45 realizaram o exame. Lembrando que a participação era totalmente livre. “Eles vieram à escola em um dia próximo ao período regular de provas deles, espontaneamente, só para fazer esse teste”, conta o coordenador.

Para 2015, Fernando e seu time de professores “olímpicos” querem estabelecer um calendário de aulas fixas desde o início do ano, para que estudantes de diferentes séries participem de todas as principais Olimpíadas da área. Além da Brasileira e da Paulista, há outras competições matemáticas interessantes, como a Olimpíada de Matemática da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), as Olimpíadas de Informática ou a Olimpíada Canguru – organizada pela Associação Canguru Sem Fronteiras (AKSF, em francês). Esta última permite a participação on-line dos estudantes e o acompanhamento comparativo com o desempenho de alunos na mesma etapa de ensino em escolas de outros países.



AS TURMAS OLÍMPICAS
SÃO DIVIDIDAS EM ALFA
(ALUNOS DE 6º E 7º ANOS),
BETA (8º E 9º ANOS) E GAMA
(1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO),
COM GRUPOS DE CINCO A 15
ESTUDANTES. OS TREINOS
ACONTECEM UMA VEZ
POR SEMANA

Entenda a dinâmica das principais Olimpíadas de Matemática

OLIMPÍADA BRASILEIRA DE MATEMÁTICA (OBM)

www.obm.org.br

É a competição matemática mais tradicional do país, com provas para alunos do Ensino Fundamental (6º e 7º anos, 8º e 9º anos), do Ensino Médio e para estudantes de graduação. Dividida em três fases, ela convida o aluno a pensar a Matemática como recurso para resolver situações do dia a dia.

Na primeira fase, a maior parte das questões demanda o uso de operações algébricas ou do princípio da contagem. Na segunda, o foco são os problemas. As respostas são numéricas, mas os alunos precisam justificar suas escolhas com base em conceitos matemáticos. Os rascunhos são recolhidos e também são considerados pelos avaliadores, para que possam entender o percurso percorrido pelos estudantes.

Na terceira e última fase, os estudantes são convidados a dissertar sobre situações-problema. Diante de questões assim, a primeira reação dos alunos normalmente é a de pensar “não sei nada”, diz o professor Rafael Bonfim, que dá aulas para as turmas de 8º e 9º anos de Ensino Fundamental e para a 1ª série do Ensino Médio. Mas depois de reler o enunciado, os participantes percebem que o conhecimento que já têm deve ser suficiente para chegar a uma solução.



OLIMPÍADA PAULISTA DE MATEMÁTICA

www.opm.org.br

Dividida em duas fases, tem provas para alunos de 6º e 7º anos, de 8º e 9º anos e da 1ª série do Ensino Médio (por isso a divisão das turmas no Stockler).

A prova da primeira fase é composta por cinco questões-problema, cada uma com algumas perguntas que devem ser respondidas. Os candidatos têm até três horas e meia para solucioná-las.

O mais interessante nesta avaliação é que os enunciados já explicam alguma operação que deve ser feita ou oferecem o contexto adequado para que o estudante consiga expandir seu raciocínio e encontrar diversas formas de resolver a questão. Aqui, o mais importante é saber compreender o problema.

Na segunda fase, a prova segue nos mesmos moldes, mas com questões dissertativas e ainda mais complexas.

O SEGREDO DAS AULAS: CONCEITOS BÁSICOS E APLICAÇÕES CRIATIVAS

“O objetivo das Olimpíadas é descobrir talentos”, afirma o professor Rafael Lopes Bonfim, especialista em Matemática Olímpica.

O professor Fernando Santo explica que há olheiros nessas competições: profissionais querendo descobrir jovens promissores capazes de, no futuro, desenvolver carreiras acadêmicas admiráveis ou participar de programas de intercâmbio científico. Um deles é o Ciência sem Fronteiras, do governo federal, que oferece bolsas de estudos para que estudantes de graduação e pós-graduação façam estágios no exterior.

“Nas turmas olímpicas exigimos mais dos alunos do que nas aulas focadas no vestibular. O nível de cobrança é maior porque as questões são mais complexas e exigem o desenvolvimento do pensamento matemático dos estudantes. O único vestibular do país que, de vez em quando, usa questões semelhantes às questões de Olimpíadas de Matemática é o do IME (Instituto Militar de Engenharia), no Rio de Janeiro”, afirma Fernando.

Todas as aulas são baseadas nos materiais elaborados pelo Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), que desenvolve polos olímpicos de treinamento e disponibiliza conteúdos on-line. O instituto é uma referência em Matemática no Brasil e ajuda a pautar os testes de todas as competições oficiais. Isso contribui para a criação de um polo de treinamento dentro da escola, que utiliza vídeos, problemas e exercícios de apoio oficiais.

Bonfim começou a trabalhar com turmas olímpicas em 2007, quando ainda era estagiário. Logo, se apaixonou pela especialidade: “A Matemática Olímpica é diferente da Matemática da sala de aula, por-

*“A Matemática
Olímpica é mais
criativa. E os alunos
participam muito.
Em alguns momentos,
eles mudam
completamente o rumo
da aula com
suas hipóteses.”*

Rafael Lopes Bonfim,
professor especialista em
Matemática Olímpica

que é mais criativa”, conta. Para ele, o segredo para resolver as questões está em compreender conceitos matemáticos básicos em sua essência, aplicando-os de uma forma mais intuitiva. “Nas aulas regulares, os alunos geralmente aprendem a resolver tudo de forma fragmentada – a álgebra, depois a geometria; a equação de primeiro grau, depois a de segundo grau etc. Quando eles chegam às aulas de Matemática Olímpica, aprendem a correlacionar os conceitos aprendidos e ficam maravilhados”, complementa o professor Fernando.

O princípio das aulas é sempre o mesmo: apresentar problemas que, geralmente, demandam cálculos simples, mas exigem um raciocínio complexo. Às vezes, os professores gastam quase 30 minutos da aula resolvendo uma única questão. “Ao longo da resolução, vamos expandindo possibilidades. E os alunos participam muito. Em alguns momentos, eles mudam completamente o rumo da aula com suas hipóteses. É desta forma que construímos conhecimento”, explica Bonfim.

Pedro Saba Kiffer, do 8º ano, é um dos alunos participantes das aulas de Matemática Olímpica. Para ele, o mais instigante nessas aulas é exercitar o conhecimento de lógica, que é a sua parte favorita da Matemática. “Não gosto de decorar fórmulas, e estas aulas ajudam a gente a pensar melhor em como resolver os problemas”, diz.



PROFESSORES OLÍMPICOS:
RAFAEL LOPES BONFIM
(ESPECIALISTA EM
MATEMÁTICA OLÍMPICA),
LÍVIA MARCHETTI E FERNANDO
SANTO. AS AULAS ESPECIAIS
SÃO PLANEJADAS COM BASE
EM MATERIAIS DO INSTITUTO
DE MATEMÁTICA PURA E
APLICADA (IMPA)

Mas para perceber todo o "poder da Matemática", é preciso treino. Muito treino. Além da rotina de aulas, os estudantes ainda recebem lições de casa para fazer. Tudo é livre, e a participação dos estudantes é motivada pelo próprio interesse que têm no assunto. "É evidente que mostramos os benefícios dessa participação para o futuro profissional e para o bom desempenho nas competições. Também mencionamos cientistas e matemáticos inspiradores. Mas eles são motivados porque estão deslumbrados com este mundo de conhecimento que se abre", conta Fernando.

Na prática, boa parte das questões é resolvida sem a ajuda da calculadora – apesar de algumas competições aceitarem o uso desse recurso durante a realização das provas. "Percebi claramente que, com as aulas, minha capacidade de resolver contas básicas de cabeça ficou bem melhor. Eu sempre gostei de aprender Matemática, mas sinto que, agora, estou mais rápido", conta Bryan Gilvaz Chim, aluno do 8º ano, integrante de uma das turmas do professor Bonfim.

E os resultados chegam também àqueles que não estão nas turmas olímpicas. "Alguns alunos começaram a perceber os reflexos na sala de aula. Viram que os colegas que participam e que mantêm um bom desempenho acadêmico têm mais benefícios na vida e em casa, quando não precisam ser cobrados pelos pais para fazer a lição, por exemplo", analisa o professor Fernando.

Neste primeiro momento do projeto de Matemática Olímpica na escola, nem todos os estudantes fizeram uma conexão clara entre as

ALEKSANDER
SZEWIENKO NETO,
ALUNO DO 9º ANO
E FINALISTA
DA OLIMPÍADA PAULISTA
DE MATEMÁTICA



Biblioteca básica



Coleção Olimpíadas Brasileiras de Matemática

Estes quatro livros lançados pela Sociedade Brasileira de Matemática, utilizados no planejamento das aulas, são um rico material de apoio para o professor e para os alunos

▶ 21 AULAS DE MATEMÁTICA OLÍMPICA

Nada como ser um campeão das competições para dar as melhores dicas sobre elas. Carlos Yozo Shine, autor do livro, participou de Olimpíadas de Matemática quando era estudante e fez parte da equipe brasileira de 1996 da IMO (International Mathematical Olympiad) – a maior competição internacional do gênero. Aqui, ele traz dicas, questões e explicações que abarcam todas as áreas da Matemática contempladas nos testes: álgebra, combinatória, geometria e teoria dos números.

▶ OLIMPIADAS BRASILEIRAS DE MATEMÁTICA – 1ª à 8ª

Para quem quer acompanhar a história da Olimpíada Brasileira de Matemática (OBM), este livro traz as provas completas da 1ª à 8ª edição. Os problemas estão agrupados por temas e por grau de dificuldade. Todas as soluções são comentadas, com conceitos e teoremas, estimulando o leitor a testar vários caminhos para chegar ao resultado.

▶ OLIMPIADAS BRASILEIRAS DE MATEMÁTICA – 9ª à 16ª

Traz todos os problemas e resoluções comentadas das provas da Olimpíada Brasileira de Matemática, da 9ª à 16ª edição, e também uma lista dos premiados. Para se inspirar com os campeões e botar a cabeça para pensar.

▶ INICIAÇÃO À MATEMÁTICA: UM CURSO COM PROBLEMAS E SOLUÇÕES

Com foco na resolução de problemas, é uma boa referência para alunos do Ensino Médio que desejem se aprofundar no estudo da Matemática.



Revista EUREKA

É a revista oficial da Olimpíada Brasileira de Matemática, com artigos enviados por professores de todo o país e uma série de problemas resolvidos e comentados. Tudo com foco na preparação dos estudantes de diferentes níveis de ensino. As edições podem ser baixadas no site da OBM: www.obm.org.br

Polos Olímpicos de Treinamento Intensivo (POTI)

Portal do Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com materiais para Ensino Fundamental e Médio para download. Vale conferir: <http://potiimpa.br/>

Inspire-se com 4 importantes matemáticos brasileiros

Grandes exemplos que mostram ser possível desenvolver carreiras muito bem-sucedidas (e bastante curiosas) estudando uma ciência pura

Artur Ávila (1979-)

O matemático carioca de apenas 35 anos, graduado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutor pelo Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), foi o primeiro latino-americano a ganhar a Medalha Fields. O carioca recebeu neste ano o prêmio concedido a matemáticos, comumente comparado a um Nobel da área.

Ávila é especializado no estudo dos sistemas dinâmicos, área que pesquisa a evolução de fenômenos variados no tempo. Hoje, divide seu tempo entre as pesquisas que realiza para o IMPA e para o Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) de Paris, onde vive há 14 anos.



Benjamin Constant (1833-1891)

Todo mundo já ouviu falar de Benjamin Constant – o homem que comandou tropas de soldados brasileiros na Guerra do Paraguai. Mas pouca gente sabe que ele era doutor em Matemática e Ciências Físicas, já em 1860, e foi professor reconhecido em instituições militares e civis do século XIX, como a Escola Central e a Escola Politécnica, ambas no Rio de Janeiro. Pesquisava sobre a História e a chamada Filosofia da Matemática.

Lélio Gama (1892-1981)

Carioca, Lélio Gama foi astrônomo – com trabalhos publicados sobre Astronomia Matemática e Mecânica Celeste – e professor universitário. Considerado um dos responsáveis pela introdução rigorosa dos estudos de Análise Matemática no Brasil, foi o primeiro diretor do IMPA – entidade que comandou durante 13 anos.

Newton Carneiro Affonso da Costa (1929-)

O curitibano Newton da Costa é engenheiro civil e matemático, graduado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Sua principal área de atuação e pesquisa é a das lógicas paraconsistentes. Foi professor na UFPR, na Universidade de São Paulo (USP) e na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Hoje, é professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

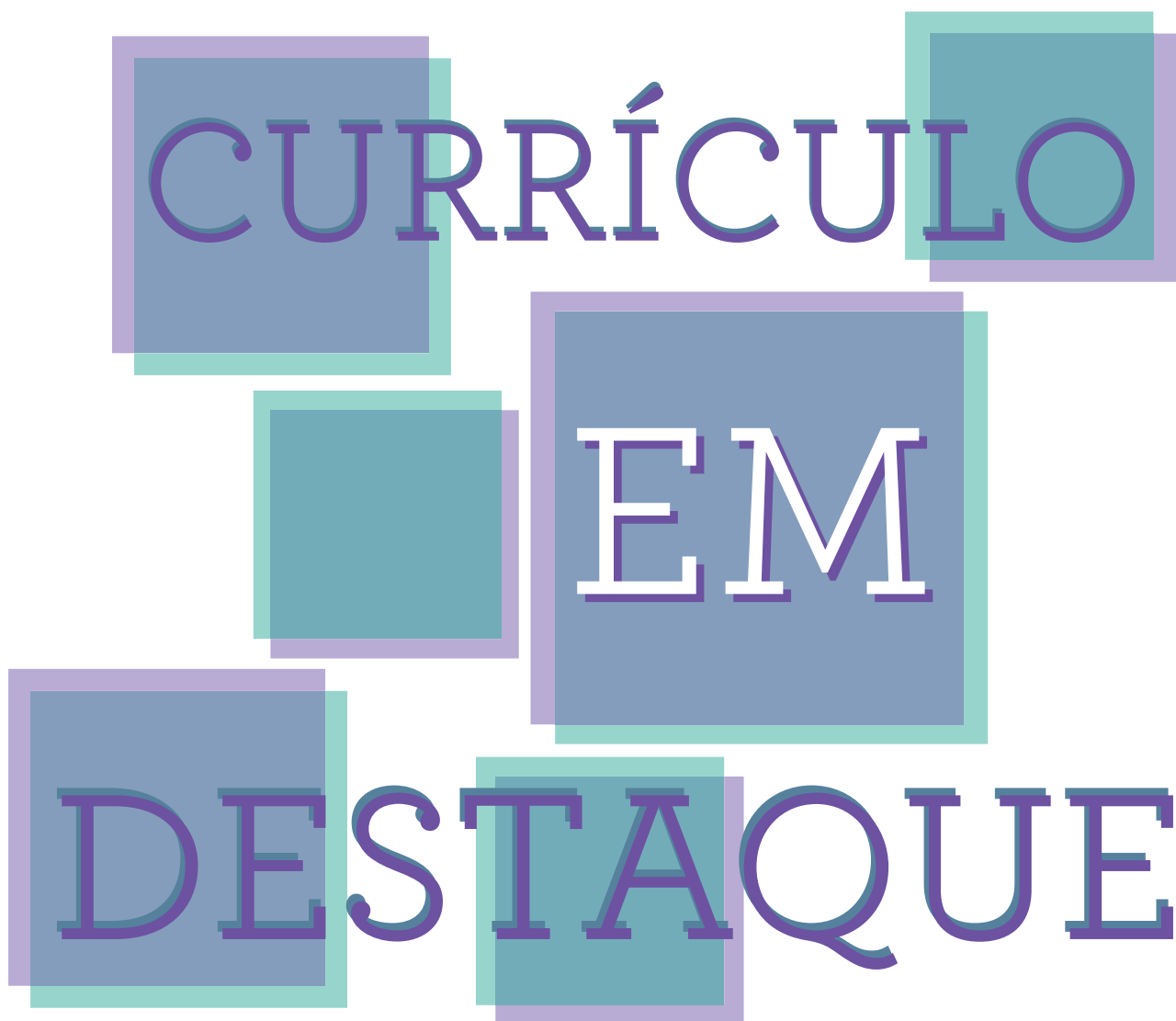


OS ALUNOS
PASSAM A
ORGANIZAR SEUS
ESTUDOS COM
MAIS AUTONOMIA

aulas e seu futuro profissional. Thiago Bopp Resnitzky, do 8º ano, é um deles: “Gosto das aulas e já vim até em um dia em que não teria que ir à escola! Não perco uma. Mas, hoje, nem sei se seguiria uma carreira na área de Ciências Exatas. Só gosto de Matemática e de participar”, conta.

Para Fernando, isso não é um problema. “Eles ainda estão pensando em onde podem chegar com essas aulas e com esse aprendizado. E isso é bom. É claro que boa parte dos participantes têm forte tendência para seguir carreiras mais próximas das Ciências Exatas, mas há alunos que também mantêm excelentes desempenhos em outras disciplinas e devem seguir outras carreiras. Neste momento, o importante é que percebam os benefícios deste encontro com o conhecimento e que se sintam estimulados”, afirma. “Com treino constante, o desenvolvimento dos alunos tende a ser cada vez melhor e, conseqüentemente, o desempenho dos estudantes nos vestibulares também”, complementa.

O Stockler teve um aluno na fase final da Olimpíada Paulista de Matemática. Outros três estudantes chegaram à terceira fase da Olimpíada Brasileira. Para 2015, segundo Fernando, há três alunos do 8º ano com excelente preparação e que prometem resultados ainda melhores. “Nossos alunos já começaram a questionar se há Olimpíadas em outras disciplinas e se a escola vai prepará-los para isso. A Matemática está sendo nosso carro-chefe para organizar outras áreas, pois está contribuindo para criarmos uma cultura inovadora na escola”, afirma o coordenador. ■



CURRÍCULO EM DESTAQUE

O percurso de formação do aluno Stockler foi
a pauta das reuniões pedagógicas em 2014

texto MARIANA STOCKLER fotos CAROLINA GONZALEZ



PLANEJAMENTO

A qualidade do percurso de formação oferecido pela escola depende de um planejamento de ensino permanentemente atualizado. Por isso, em 2014, o Colégio Stockler elegeu o currículo como tema central das reuniões pedagógicas mensais. Dentre os diversos clichês usados para falar sobre educação, há o que compara essa atividade a uma jornada. Apesar de batida, a associação não deixa de ser pertinente, uma vez que aponta para duas das questões mais importantes a impactar o universo escolar: qual destino a instituição de ensino deve escolher para conduzir seus alunos e como ela tornará o caminho traçado o mais eficiente e relevante possível.



Mapear esse trajeto é um desafio e tanto. Demanda a articulação entre parâmetros curriculares oficiais e os objetivos finais de aprendizagem priorizados pela escola. Além disso, é preciso considerar os projetos de vida e de formação dos próprios alunos, e, finalmente, os demais fenômenos a agir sobre a atividade educacional – o surgimento de novas tecnologias e os movimentos do mercado de trabalho, por exemplo. O resultado é uma paisagem em constante mutação.

Com a mediação dos coordenadores de área, os professores foram convidados a abandonar a noção



PLANEJAMENTO NO LONGO PRAZO: AO ANALISAR A TRAJETÓRIA DO ALUNO NA ESCOLA À LUZ DO RESULTADO DAS AVALIAÇÕES, OS PROFESSORES PUDEAM DISCUTIR E PROPOR MUDANÇAS NAS SEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICAS ADOTADAS

de programação como uma simples lista de tópicos disciplinares e a enxergar conteúdos como elementos de um percurso que se estende para além dos limites do trimestre. “Para isso, deveriam levantar tanto os pré-requisitos necessários para a compreensão de cada assunto quanto as habilidades que os alunos deveriam desenvolver ao estudá-lo. Por fim, os planejamentos foram confrontados com os resultados obtidos pelos estudantes nas avaliações”, explicou Leonardo Murasaki, coordenador pedagógico.

O principal intuito desse exercício era analisar se o mapa proposto pelo professor em sua programa-

ção fornecia as coordenadas necessárias para que os alunos atingissem bons níveis de compreensão, articulação e transferência de informações para novos contextos. “Refleti com minha equipe sobre a parcela de estudantes que chegou aonde gostaríamos e sobre aquela que se perdeu pelo caminho”, disse Fernando Santo, coordenador de Matemática do Ensino Fundamental. “Em seguida, procuramos verificar se a taxa de insucesso devia-se às estratégias didáticas adotadas ou ao encadeamento e à seleção dos assuntos que compõem o programa da disciplina.”



CONTEXTUALIZAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE

Todo currículo é resultado de uma seleção. No Colégio Stockler, essas escolhas são norteadas por dois princípios essenciais. O primeiro é o da contextualização. Ao estimular a articulação entre os assuntos vistos em sala e a realidade cotidiana do aluno, a escola garante que a informação ganhe sentido social e deixe de ser um fim em si mesma. “Nas aulas de raciocínio matemático do Ensino Fundamental, por exemplo, estudamos como uma matriz de tomada de decisão pode ser aplicada a situações como a compra de um carro”, comentou o professor Fernando Santo. “Quando chegar o momento de o aluno aprofundar seu conhecimento sobre matrizes, no Ensino Médio, ele já compreendeu como aplicar essa ferramenta ao seu cotidiano”, completa.

O segundo princípio norteador do currículo no Stockler é a interdisciplinaridade. “Uma escola que enxerga as disciplinas de modo compartimentado não forma indivíduos preparados para um mundo marcado pela circulação veloz de novos conhecimentos e pela demanda por soluções criativas para problemas complexos”, salienta Eduardo Valladares, coordenador de projetos especiais e supervisor da área de Ciências Humanas da escola. Por isso, o colégio organiza o percurso de seus alunos em torno de grandes eixos temáticos, como a questão da tolerância e intolerância. O assunto é abordado nas aulas de Português e Inglês com a leitura de obras como *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Drácula*, de Bram Stoker. A disciplina de Ciências arremata o projeto com aulas sobre bioética e fisiologia ligadas à leitura de *Frankenstein*.



TRABALHAR EM TORNO DE GRANDES EIXOS TEMÁTICOS É UMA DAS CHAVES DO CURRÍCULO INTERDISCIPLINAR DO COLÉGIO

Durante as reuniões pedagógicas, o corpo docente atentou também para esses dois princípios (contextualização e interdisciplinaridade). Organizados em grandes áreas – Ciências da Natureza, Linguagens, Matemática e Ciências Humanas –, os professores debruçaram-se sobre a programação das disciplinas, do 6º ano do Ensino Fundamental à 3ª série do Ensino Médio. O objetivo: conferir maior sentido à sequência de conteúdos e assegurar a sinergia entre as abordagens que diversas matérias fazem de um mesmo assunto. “Na 2ª série do Ensino Médio, a questão do trabalho, com sua relevância social e suas implicações filosóficas, é discutida tanto nas aulas de Sociologia quanto nas de História e Filosofia”, exemplifica Valladares. “O tema é arrematado com um trabalho dos estudantes na disciplina de Jornalismo.”

As reflexões sobre o currículo incluíram, também, um debate a respeito da importância do desenvolvimento das habilidades comunicativas no processo de escolarização. Concluiu-se que a clareza na organização das informações registradas em provas, trabalhos e exercícios, o domínio da norma culta e a desenvoltura na expressão oral seriam exigidos com rigor não só pelos professores das disciplinas da área de Linguagens, mas também pelos de todas as matérias que compõem a grade da escola.

“As reflexões efetuadas pelos professores em 2014 reafirmam nosso compromisso com a preparação dos alunos para os vestibulares e para o Enem, e, ao mesmo tempo, asseguram que o percurso oferecido pela escola culmine na formação de jovens críticos, autônomos e versáteis”, afirmou Marcos Stockler, fundador do colégio. ■

“As reflexões deste ano reafirmam nosso compromisso com a preparação para os vestibulares e asseguram que o percurso oferecido pela escola culmine na formação de jovens críticos e autônomos.”

Marcos Stockler,
fundador do colégio



MURAL DOS ALUNOS PROTAGONISMO

Produções audiovisuais e trabalhos de
campo: jovens ativos na aprendizagem



1ª
SÉRIE

CONCURSO DE FOTOGRAFIA



1º LUGAR: Beatriz Dinacci Célia (1ª D)



1º LUGAR: André Carvalho de Almeida (1ª D)



2º LUGAR: Victoria Raissa Raiol Silva (1ª D)

A CIÊNCIA E OS SEUS ARTEFATOS NO NOSSO DIA A DIA

Visita à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em Volta Redonda, e estudos em Bananal, no Vale do Paraíba

Descrição do Projeto

Ao longo de todo o primeiro semestre, os alunos da 1ª série do Ensino Médio estudaram conteúdos de Química, Física, Biologia, Geografia, História, Redação e Jornalismo como preparação para o trabalho de campo realizado em Volta Redonda e Bananal.

Na primeira cidade, visitaram a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), onde conheceram o contexto histórico de sua criação, constataram aspectos físicos e químicos da produção do aço e refletiram sobre impactos socioambientais de uma grande usina. Também analisaram a relevância da CSN para a economia do país.

Em Bananal, o objetivo foi conhecer as marcas do auge e do declínio da produção cafeeira na região. Os alunos estudaram a arquitetura característica do Vale do Paraíba e visitaram uma fazenda.

As fotografias desta página foram feitas pelos alunos durante a viagem.



3º LUGAR: Joanna Manfrin Flankin (1ª C)



4º LUGAR: Joanna Manfrin Flankin (1ª C)



5º LUGAR: Louise Bonamici Miotto (1ª D)



2ª SÉRIE

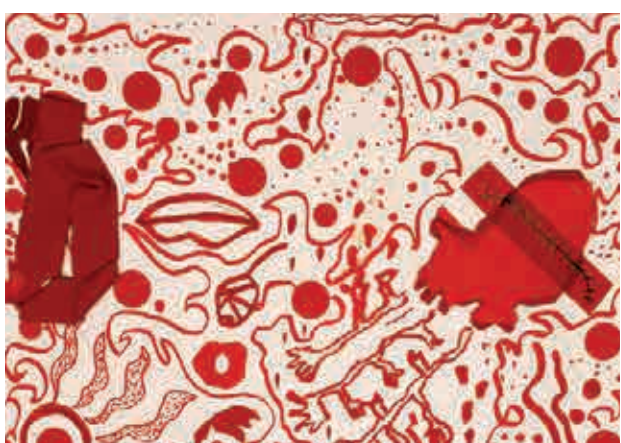
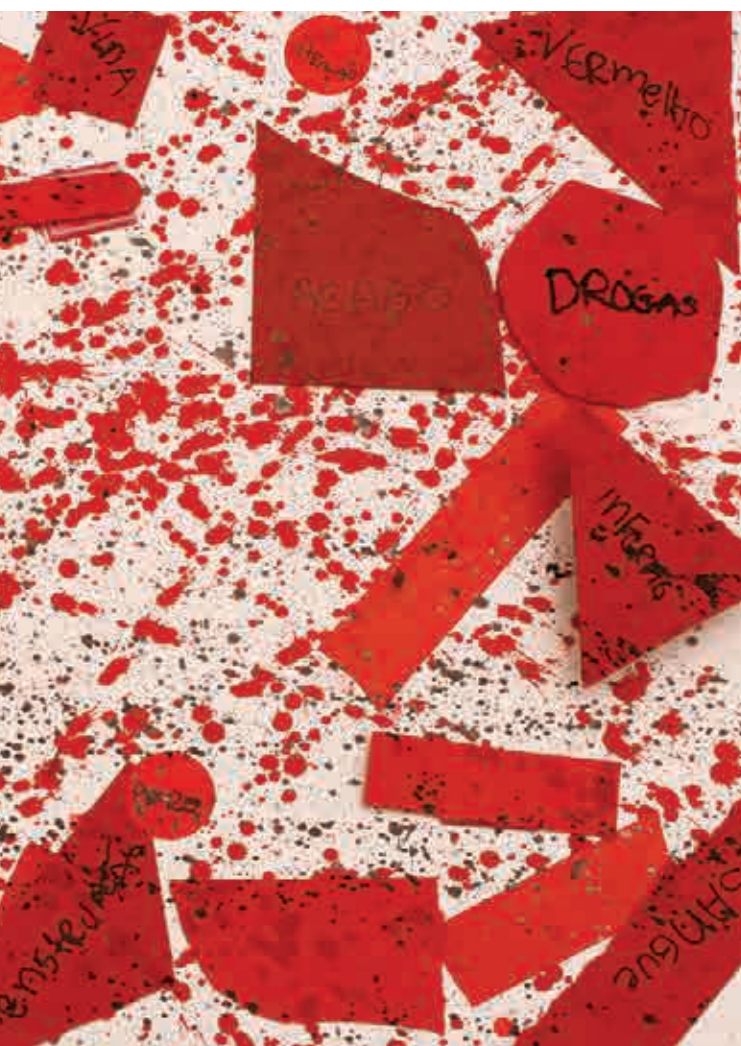
PROJETO TRUE ROUGE

As composições visuais desta página foram feitas pelos alunos da 2ª série do Ensino Médio durante viagem ao Instituto Inhotim. Orientados por Fernanda Assumpção, professora de Artes, o grupo visitou a galeria True Rouge, do brasileiro Tunga. Depois, confeccionou os cartazes a partir da reflexão sobre uma frase do artista: “Sempre gostei de bagunça. Não de ordem nem desordem. Bagunça. O que tenho à mão vou mexendo até perder, pra depois achar de novo. Achando o que perdi, acho o novo de novo, reencontro o novo no velho – é como a luz, a velha luz, descansada e sempre nova de novo”.



True Rouge, do artista Tunga.
Foto: Luiza Rossi M. Brusco (3ª série)







OLHAR PARA O CÉU PARA APRENDER CIÊNCIAS

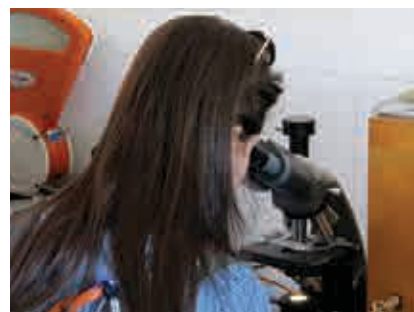
Durante três dias, os alunos fizeram uma imersão em Brotas para investigar alguns mistérios do Universo

Você sabia que os buracos negros são corpos tão maciços e densos que a sua força gravitacional é capaz de engolir tudo, inclusive a luz? Ou ainda que as estrelas morrem, depois de terem consumido, no processo de combustão, todo o hélio e hidrogênio do qual são formadas? E que dependendo



do tamanho, após sua morte, ela se transformam em supernovas ou em buracos negros? Esses foram alguns dos conhecimentos que os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental aprenderam durante a visita ao Centro de Estudos do Universo (CEU), localizado na cidade de Brotas, interior de São Paulo, entre os dias 27 e 29 de outubro.

Lá, eles assistiram a palestras e puderam observar as estrelas por meio de um dos maiores telescópios didáticos do estado. "Eles ficaram impressiona-



dos em saber que um dia o nosso Sol irá passar por um processo de esfriamento", destaca o professor de Ciências Thiago Rosa Olávio.

Os estudantes participaram de experimentos envolvendo conceitos de Física (cinemática e astronomia), Biologia (origem da vida, evolução e biotecnologia) e Matemática (geometria, álgebra e estatística). Produziram ainda trabalhos em Artes (fotos e vídeos), Português (produção textual) e Jornalismo (escrita de um perfil).



6º ANO

LITERATURA EM MANDALAS

Depois da leitura individual de títulos como *Pirates of the Caribbean*, *Dinosaurs* e *Tintin*, cada aluno produziu uma mandala com personagens e características do livro que leu. Os trabalhos foram apresentados em inglês para os colegas

Luiza Corrales, 6º ano A



João Pedro Remaili, 6º ano A



GEOGRAFIA: A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO BRASILEIRO



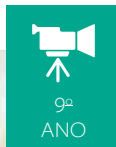
7º ANO

O estudo da história econômica e social do Brasil foi sistematizada em cartazes sobre a cultura de cada região, explorando elementos da arte, da culinária e das festas populares

Amanda Kanamori, Ana Luiza Menezes, Lourdes Mikalef e Maria Luiza Lamim (7º ano A)

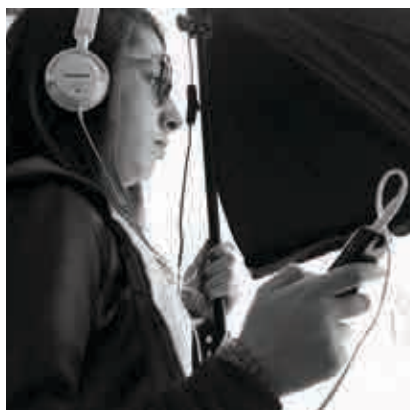






PROJETO “MEMÓRIAS”

Em trabalho especial, as turmas estudaram tolerância e intolerância por meio de leituras, visita a uma exposição no MuBe e produção de curta-metragens



que você levaria do seu quarto, caso tivesse que deixar sua casa e sua família? Os alunos do 9º ano responderam a essa pergunta com a produção de curta-metragens “Quartos”. Professores e pais ficaram emocionados com os filmes, roteirizados, produzidos e filmados pelos alunos. A exibição aconteceu em novembro e encerrou o projeto “Memórias”, desenvolvido ao longo do ano com o objetivo de discutir a tolerância e a intolerância em diferentes contextos da atualidade.

O trabalho envolveu professores de todas as disciplinas. Sob a orientação da professora Regina Célia, de História, os alunos leram o livro *O Diário de Helga*. Trata-se do relato de uma menina que, aos 8 anos, registrou em seu diário textos e desenhos que trazem o olhar infantil sobre a segregação dos judeus durante a desumana rotina de privações e doenças nos campos de concentração de Terezín e Auschwitz. ▶



A professora de Artes Carolina Gonzalez conta que a ideia de propor aos alunos a produção de filmes surgiu após visitar a exposição “As Meninas do Quarto 28”, no Museu Brasileiro da Escultura (MuBe). Na mostra foram apresentados desenhos feitos por meninas judias que passaram pelo quarto número 28, retratando o dia a dia de cerca de 50 crianças que viveram no campo de concentração de Terezín, durante a Segunda Guerra Mundial.

“Eles discutiram sobre o que é liberdade, respeito, tolerância, não só em contextos de guerra. Houve uma grande reflexão sobre o quarto como um espaço privado, uma extensão da identidade de cada um, com um acúmulo de memória, e como é mudar, estar num lugar novo, como criar novos laços e vínculos com pessoas desconhecidas”, comenta Carolina, orgulhosa do projeto desenvolvido pela equipe.





Feminismo: movimento que
defende a igualdade de direitos
entre mulheres e homens.
Arte: Beatriz Mazur Barboza



MURAL DOS ALUNOS REFLEXÃO

O exercício da leitura crítica expresso
em artigos, entrevistas e contos



2ª SÉRIE

PROJETO
BLOG A HORA
E A VEZ

Artigos publicados no blog do colégio (www.colegiostockler-blog.com) e produzidos para atividade das disciplinas Jornalismo e Redação

A palavra com F

POR BEATRIZ MAZUR BARBOZA, 2ª SÉRIE A

O entendimento – ou falta de entendimento – das pessoas sobre o problema da desigualdade de gênero, que as leva a fugir assim que ouvem um certo termo, é preocupante. Alguns, que vivem enclausurados em seus mundos de privilégios, tendem a negar os problemas – mas para quem os vive, eles são dolorosamente reais.

Há milhões de anos a humanidade nos levou a entender descobertas e questões incrivelmente complexas que construíram nossa história. Dos algarismos árabes aos diferentes tipos de quarks, nossas mentes se abrem e evoluem. Mas em pleno 2014, há ainda um conceito, baseado na igualdade e no respeito, tão simples e básico, mas não entendido por grande parte da população: o feminismo.

Muitos pararão de ler este texto ao bater os olhos na “palavra com F”, mas ela sofre um preconceito extremamente não merecido. É comum, infelizmente, ouvir a frase “não me considero feminista porque gosto dos homens”. Essa ideia não é apenas absurda, mas também contraditória. E pior: não é um paradoxo saudável, do tipo citado por Rousseau (“Prefiro ser um homem de paradoxos que um homem de preconceitos”), porque se mostra, também, preconceituosa. Feminismo é, por definição, “movimento cujos preceitos indicam e defendem a igualdade de direitos entre mulheres e homens”. Palavra-chave: igualdade.

Você pode se perguntar: se feminismo é a igualdade e o respeito aos direitos de todos como seres humanos, por que não chamar apenas de “direitos humanos”? Chimamanda Ngozi Adichie aponta a resposta com perfeição: “porque seria desonesto. Feminismo é parte de direitos humanos em geral, mas escolher ▶

essa expressão genérica é ignorar o fato de que existe, sim, um problema específico de gênero. Seria como fingir que as mulheres não foram excluídas por séculos. (...) É justo que a solução para o problema reconheça isso”. É importante buscar direitos sociais, políticos e econômicos justos para todos, tratando-os com humanidade e respeito independentemente de seu gênero, opção sexual, cor de pele, sem ignorar os erros cometidos no passado, que afetaram e afetam milhões de pessoas.

Uma simples visita ao Google, que leva menos de um minuto, é suficiente para se informar desse conceito básico. É triste saber que isso parece trabalho demais para alguns, que preferem continuar em seus mundos privados e privilegiados, fingindo que certos problemas não são reais. Para quem os vive, porém, eles são muito reais; e isso pode ser confirmado por fatos concretos e atuais. Quando achamos pelo menos uma pessoa, porém, que não estava ciente sobre todos os aspectos do assunto mas procura se informar sobre eles, com uma mente aberta, o sentimento é inexplicavelmente maravilhoso.

O vazamento de fotos privadas de celebridades na Internet, por exemplo. “Vazamento”, aliás, não é a palavra ideal. Isso porque essas fotos, como as da atriz Jennifer Lawrence, normalmente são conseguidas por hackers, ou seja, por meio de invasão de privacidade. Quando as fotos se espalham pela Internet, a sociedade automaticamente começa a atacar e humilhar essas celebridades, tachando-as das mais agressivas formas, sem se dar conta de que essas jovens podem fazer o que desejarem contanto que não prejudiquem ninguém. E não prejudicam. Como o site *Huffington Post* brilhantemente apontou, “sabe quem

NÃO é culpada pelo vazamento das fotos privadas de Jennifer Lawrence? Jennifer Lawrence”. Mesmo assim, uma das coisas mais revoltantes – e, infelizmente, comuns – sobre esse assunto é o clássico: “se ela não queria que as fotos caíssem na Internet, não devia ter tirado fotos nua”. Segundo essa lógica, se você não deseja ser enforcado, não tenha um pescoço. Se não deseja ser assaltado, não saia de casa. Nunca.

Os casos de violência ou assédio sexual ainda são os mais cho-

cantes exemplos. É importante lembrar que qualquer pessoa pode ser vítima desse tipo de violência, e os casos são sempre revoltantes – mesmo assim, a ocorrência é maior com vítimas do sexo feminino. Segundo a RAINN (Rape, Abuse and Incest National Network), em 2003, nos Estados Unidos, de dez vítimas de estupro, nove foram mulheres. As estatísticas são perturbadoras – como a UN Women afirma, uma entre três mulheres e meninas sofre violência em geral durante a vida – mas as pessoas parecem não perceber do mesmo

modo a forma como o estupro ou o assédio sexual é representado na sociedade e na mídia, e isso é ainda mais preocupante.

Culpar a vítima é uma das mais repugnantes respostas que muitas pessoas têm a um desses casos. A roupa que ela usava, por exemplo, não tem absolutamente nenhuma importância e nem deveria vir à tona. Não importa se uma mulher anda completamente nua pela rua. Ninguém tem o direito de tocá-la sem permissão. A sociedade ensina mulheres e meninas que é responsabilidade delas não serem estupradas – e esse é um sinal muito claro, com sirenes de polícia e setas em neon, de que há algo muito errado. Defender o culpado é também inaceitável.

“Não importa se uma mulher anda completamente nua pela rua. Ninguém tem o direito de tocá-la sem permissão. A sociedade ensina meninas que é responsabilidade delas não serem estupradas”

Ouve-se absurdos como “ele não tinha a intenção” – por favor, esclareça-me como é possível acidentalmente estuprar ou assediar alguém. Spoiler: não é.

Esse problema fica claro no caso de Emma Sulkowitz, uma estudante da universidade de Columbia que foi estuprada em sua própria cama. O culpado não foi devidamente punido, continuando a frequentar a faculdade, e Emma teve uma ideia emocionante. A jovem decidiu carregar sua cama, na qual o pesadelo se passou, para todo lugar do campus que for até que seu estuprador não frequente mais sua universidade. Emma explica, em um vídeo para o jornal da universidade, que desde que foi estuprada em sua própria cama, sente que tem carregado o peso do que aconteceu ali. Carregar uma cama para todo lugar não é nada fácil, mas conviver com as consequências de uma experiência traumática, como a de Emma Sulkowitz, é ainda mais – e um peso muito maior.

O problema do machismo se apresenta em inúmeras outras situações do nosso dia a dia. É um absurdo, por exemplo, que as escolas proibam que meninas usem regatas ou shorts em um dia quente e permitam que meninos vistam as típicas camisetas com desenhos ou frases ofensivas, como a clássica “Cool story, babe. Now go make me a sandwich”, que se traduz basicamente como “História legal, querida. Agora vá me fazer um sanduíche”. Esta é normalmente usada por um garoto de 16 anos que não pode fazer um sanduíche porque sua coordenação motora se limita a ajeitar seu boné da Nike.

Ou ainda na representação de personagens femininas na televisão, em jogos, livros, filmes e até mesmo revistas em quadrinhos. Na maioria das vezes, uma super-heroína em uma HQ

é desenhada em uma pose que seria fisicamente impossível, em um uniforme que não se mostraria nada prático em seu dia a dia e em suas batalhas, mostrando seu corpo de forma claramente objetificada. Por isso, uma iniciativa genial e bem-humorada foi criada na Internet por feministas fãs de quadrinhos: *The Hawkeye Initiative*, que substitui mulheres em poses hipersexualizadas pelo super-herói Hawkeye (Gavião Arqueiro) e eventualmente outros personagens masculinos famosos, mostrando e combatendo a ridícula e desrespeitosa representação da maioria das super-heroínas femininas.

Meninas tendem a ser ensinadas, desde jovens, a se diminuir. A serem inteligentes, mas não muito. A serem ambiciosas, mas não muito. A serem decididas, mas não muito. São ensinadas a não serem “muito”. Mas elas são muito, podem muito, e fazem muito – felizmente, as novas gerações têm esse aspecto mais claro, mas ainda assim a sociedade é cheia de machismo. Então sim, nós precisamos do feminismo. Precisamos do feminismo porque “mas o que ela estava vestindo?” ainda é perguntado. Porque revistas feitas para mulheres ainda focam em

como “agradar os homens”. Porque a sociedade dita que uma mulher ou terá uma família, ou uma carreira de sucesso, quando ela pode ter os dois. Porque muitos ainda não entendem que o corpo de uma mulher, assim como de qualquer outra pessoa, é somente dela. Porque uma pessoa não deve ser discriminada por seu gênero, e deveria ter os mesmos direitos e oportunidades, sendo tratada com respeito, mas isso ainda não acontece plenamente. Precisamos do feminismo porque as pessoas ainda não entendem o que é o feminismo.

“É um absurdo, por exemplo, que as escolas proibam que meninas usem regatas em um dia quente e permitam que meninos vistam as típicas camisetas com desenhos ou frases ofensivas”

O funk na cola dos pensadores!

POR PEDRO SALIBY, 2ª SÉRIE A

Valesca Reis Santos, famosa cantora do funk carioca, gerou uma enorme polêmica no início de 2014 com o hit “Beijinho no ombro”. Toda a polêmica discussão começou quando o professor Antonio Kubitschek citou o nome artístico da cantora (Valesca Popozuda), em uma questão de uma prova de filosofia, chamando-a de “pensadora contemporânea”. Lisonjeada, ela devolve: “Agradeço ao professor Antonio por ter lembrado da Valesca Popozuda. Ele queria causar – vi a entrevista dele hoje –, mas ele não sabia que ia causar tanto desse jeito”. Em entrevista para o blog *A Hora e a Vez*, Valesca responde que ainda há grande preconceito contra o funk – porém, ele está sendo quebrado aos poucos.

A grande questão para os que discutem o assunto é se Popozuda pode ou não ser considerada uma grande pensadora. Para chegarmos a uma conclusão, precisamos primeiramente saber a qual pensamento o “hit” se relacionaria.

O grande pensador e filósofo Arthur Schopenhauer apresenta em seu livro *Dores do Mundo* o trecho “Pode suceder sentirmos a morte dos nossos inimigos e dos nossos adversários, mesmo passa-

do grande número de anos, quase tanto como a dos nossos amigos – é quando vemos que nos fazem falta para serem testemunhas dos nossos brilhantes sucessos”. Ou seja, não queremos atingir nossos objetivos e metas para ficarmos bem conosco, ou para mostrar a um amigo: fazemos isso para mostrar às pessoas de que não gostamos que, por mais que torçam contra, passamos por cima dessa negatividade e chegamos à vitória. A citada “pensadora contemporânea” reproduz a frase em seu hit, com palavras mais simples, sendo o verso “Desejo a todas inimigas vida longa / pra que elas ‘veja’ cada dia mais nossa vitória”.

“Fazemos isso para
mostrar às pessoas
de que não gostamos
que, por mais que
torçam contra,
passamos por cima
dessa negatividade
e chegamos à vitória”

Tendo o pensamento e o seu uso em vista, a maior discussão entre a população brasileira foi a seguinte: Valesca pensou sozinha sobre essa questão ou ela estudou sobre o tema para mandar um “beijinho no ombro pro recalque passar longe”? Em uma entrevista feita por mim com a cantora, ela tira essa dúvida, dizendo: “Não fui eu que escrevi a música, então não fiz pesquisa alguma”.

No entanto, a discussão encerrou quando Popozuda cede uma entrevista ao site *UOL* de notícias afirmando que havia se dedicado bastante para compor o seu último CD, e que sim, havia se inspirado na obra *Aforismos para a Sabedoria de Vida*, de Schopenhauer.

Após toda a polêmica do “ser ou não ser” de Valesca Popozuda, o professor que a citou em sua prova diz: “É um fato engraçado; se eu tivesse colocado Chico Buarque como grande pensador contemporâneo, não geraria polêmica nenhuma”. A cantora também responde aos comentários: “Eu fiquei foi bem honrada, me senti duas vezes homenageada, tanto pela pergunta quanto com o título de pensadora. Todos nós somos pensadores contemporâneos. Se fosse MPB, daria polêmica?”

Valesca seria a pensadora do século XXI?
Charge: Pedro Saliby



PEDRO ENTREVISTA VALESKA POPOZUDA

Pedro: Valesca, como você achou que seria a repercussão da música “Beijinho no ombro” após seu lançamento em agosto de 2013?

Valesca: Eu acreditava na música, só não esperava que fosse fazer tanto sucesso como fez, eu fiquei muito surpresa e feliz.

Pedro: Como você se sentiu após a grande repercussão dessa música?

Valesca: Foi um misto de alegria e emoção, sou muito agradecida a Deus por tudo que aconteceu.

Pedro: Quando o professor Antônio citou-a como “grande pensadora contemporânea”, como você reagiu? E qual foi sua resposta a essa situação?

Valesca: Eu achei divertido, mas já expliquei que não sou pensadora, mas entendi o recado que ele quis passar.

Pedro: Como sabemos, a música “Beijinho no ombro” gerou uma enorme discussão. No colégio em que estuda, tivemos duas opiniões diferentes sobre a questão. Queremos saber se você pesquisou sobre o filósofo Schopenhauer para compor sua música ou se foi algo espontâneo.

Valesca: Não fui eu que escrevi a música, então não fiz pesquisa alguma, hahahaha!

Pedro: Com os diversos tipos de redes sociais, podemos ver uma forte crescente no meio musical. Cada vez mais, vemos novos cantores do estilo funk carioca. Porém, vemos também o quanto os cantores de funk e esse estilo musical sofrem com o preconceito da população. O que você acha sobre isso?

Valesca: O preconceito diminuiu, é um ritmo marginalizado ainda, pois vem da favela, mas as barreiras estão sendo quebradas.

Pedro: Você, como muitos outros famosos, serve de inspiração para muitas pessoas. Qual seria a sua frase de incentivo para seus fãs (os chamados Popofãs)?

Valesca: Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é...

Pedro: A música “Beijinho no ombro” é dedicada para alguma pessoa que você conhece?

Valesca: Para aquelas pessoas que têm a inveja e a maldade no coração, não é indireta para nenhum conhecido meu.

Pedro: Atualmente, você está com a agenda lotada, com inúmeros shows, às vezes até dois por noite. Algum dia você já tinha parado para pensar que sua carreira iria tão longe?

Valesca: Eu trabalhei pra isso acontecer, então hoje eu agradeço todo o sucesso e trabalho pra fazer deste momento o melhor de todos.



Um modelo além das medidas.
Foto: Júlia Freixedelo

Corpo de embalagem

POR CAROLINA HUERTAS E JÚLIA FREIXEDELLO, 2ª SÉRIE D

Boa aparência, magra, com curvas na dimensão “certa”, cintura fina e bom gosto refletido nas roupas. Essa imagem remete a uma boneca ou a uma pessoa? As duas respostas são aceitáveis, já que bonecas servem de exemplo para designar o que é um modelo estético a ser seguido. As pessoas fazem de tudo a fim de se aproximar das medidas consideradas ideais para serem bonitas. Mas, afinal, o que é ser bonita? Atender ao padrão de beleza que nos é imposto todos os dias pela mídia e pelos costumes socioculturais vira objetivo para muita gente.

Desde pequenas, as crianças são induzidas a seguir modelos estereotipados que são vendidos em forma de brinquedos.

Meninas são ensinadas a serem e se comportarem como a Barbie e os meninos como o Incrível Hulk. Essa criação de rótulos traz à tona expectativas e desejos de se inserir num grupo ou nos padrões. A sociedade se porta de maneira inflexível e intolerante. Caso a aparência não corresponda ao esperado, a pessoa é considerada como “outsider”.

A pressão para ter um corpo “bonito” e adequado faz com que transtornos aconteçam e possam acarretar uma série de consequências ruins para o organismo de quem os tem. A bulimia é um exemplo bastante recorrente nas últimas décadas, principalmente em meninas adolescentes. Segundo a nutricionista Roberta Stella, a doença é um comportamento compulsivo alimentar que acontece muitas vezes por conta da falta de alimentação durante um longo período do dia. A pessoa evita comer em um grande intervalo de tempo e mais tarde acaba exagerando. Depois se sente culpada e pode induzir o vômito, fazer uso de laxantes e praticar exercícios em excesso.

A especialista afirma que a bulimia tem uma série de efeitos negativos para o organismo: alterações no ciclo menstrual; anemia; alterações em aspectos psicológicos, como a deficiência de memória; problemas cardíacos e intestinais. Além disso, induzir o vômito pode causar danos ao estômago – úlcera, por exemplo –, na arcada dentária e na garganta. Mais do que física, a doença precisa ser tratada psicologicamente com o acompanhamento de psicólogos e psiquiatras. Nem sempre a pessoa assume ter o distúrbio e se apresenta disposta a melhorar. Isso porque se vê de maneira inferior e inadequada tanto para um grupo de pessoas quanto para si mesma.

Ser saudável é o que deveria estar, de fato, na moda. Viver apenas pelas aparências não acrescenta nada, senão preocupações e neuroses. Não só pessoas com transtornos têm que ser tratadas, como deve haver uma revisão de valores em toda a sociedade. Movimentos que, infelizmente, não são tão fáceis.



CONCURSO DE FOTOGRAFIA

2ª
SÉRIE

Veredas da cultura

Inspirados nas obras de Sebastião Salgado e Henri Cartier-Bresson, os jovens foram desafiados a clicar um dos seguintes temas: arte contemporânea em Inhotim, contrastes sociais, aspectos históricos em Ouro Preto ou flagrantes



1º LUGAR: Pedro Brock (2ª D)



2º LUGAR: Danilo Neto (2ª B)

"Tirei esta foto em Mogi das Cruzes, enquanto visitava um amigo. Andávamos pela rua e ficamos comovidos com tal gesto porque demonstra uma solidariedade que é muito difícil de ser notada hoje em dia"

Carolina Insoliti, 2ª C.



2º LUGAR: Carolina Insoliti (2ª C)

LEITURA CRÍTICA

1ª SÉRIE

Exercícios de construção de personagem e uso de figuras de linguagem, tendo como referência trechos do filme

Um Dia de Fúria, do romance *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós, e o conto *A Moça Tecelã*, de Marina Colasanti

“UM SEGREDO REVELADO I”

EDUARDA LAURENTI E MARINA LOLS, 1ª SÉRIE A

Joana estava no funeral de seu marido, deprimida, cansada e solitária. Usava um vestido preto, óculos escuros, porém continuava a mesma pessoa adorável de sempre. Estava de luto. Sentia muita falta de Ian, que morrera misteriosamente quando bebia seu whisky, após um dia no escritório, em sua casa. Fora encontrado morto em sua poltrona e a perícia concluiu que morrera engasgado. Enfim, Joana estava arrasada, acabara de perder o grande amor de sua vida.

No funeral, Joana percebeu que havia algo errado que incomodava sua melhor amiga, Michelle. Aproximou-se desta e perguntou o que havia de errado. Michelle não respondeu, apenas

observou tudo ao seu redor. Olhava para Joana com olhar de ódio e Joana se afastou.

Quando o funeral havia acabado, Joana foi para casa descansar. Chegando lá, estava muito inquieta e não conseguia dormir. Durante a madrugada, a mente de Joana resolveu lembrar todos os momentos que passara com o marido. Agora, a única coisa que restara de Ian eram suas lembranças. Assim, sentindo a falta do marido, levantou-se e pegou uma caixa na qual mantinha fotos do casal. Lembrou-se de vários momentos felizes e achou uma carta que nunca havia visto antes. Abriu a carta cuidadosamente, com medo de rasgá-la. Assustou-se com o que leu.

Na carta, Ian, dois dias antes de morrer, contara toda a verdade sobre o relacionamento dos dois. Lá, contara que traíra Joana com sua melhor amiga Michelle, porém, após o casamento, arrependera-se, que quem realmente amava era Joana. Também na carta, contou que se surpreendeu quando disse para Michelle que amava Joana, pois Michelle se revoltara de uma forma incontrolável e ele agora conseguia ver a raiva dela nos seus olhos. Escrevera que se sentia ameaçado e que como Michelle havia mudado, mentalmente, estava com medo de morrer assassinado.

Fechou a carta. Desabou em lágrimas. Parou de chorar. Estava com muito ódio e se sentindo usada. A única coisa que amenizava seu ódio é que, após tudo isso, Ian a havia escolhido.

Joana decidiu pegar o carro e dirigir. Morava em um condomínio no qual detestava todos. Estava sem controle de si mesma, o ódio a havia possuído. Acelerou e acabou quebrando as coisas de seus vizinhos. Continuou acelerando e resolveu ir até a casa de Michelle.

Eram quatro horas da manhã e todos estavam dormindo. Joana entrou na casa de Michelle pelos fundos. Foi à cozinha e pegou uma faca. Estava fora de si. Entrou no quarto de Michelle e a viu dormindo. Pegou a faca e assim começou a esfaquear a amiga. Poucos minutos depois, lá estava Michelle, deitada morta na cama, enquanto Joana tinha um sorriso imenso no rosto.



3º LUGAR:
Pedro Queiroz Borges (2º B)

“UM SEGREDO REVELADO II”

ISABEL MARTINS, 1ª SÉRIE A

Ela era importante, eu poderia afirmar que era parte da minha vida, uma irmã que tiraram de mim. Lembro-me, como se fosse ontem, do dia em que a conheci.

Estava na escola, tinha cinco anos e vi uma menina sozinha em um canto, fui até ela e me apresentei.

– Eu me chamo Eduardo.

– Sou Mônica – respondeu.

E mal sabia eu que essa seria a minha amizade mais bonita, conversa vai e conversa vem descobrimos muitas coisas em

comum. Estudamos juntos até o terceiro colegial e quando pensamos que nunca mais nos veríamos, como que por obra do destino fomos à mesma faculdade.

Nossa adolescência foi meio conturbada. É verdade, ela era inteligente e muito bonita, simpática e bondosa com todos e idolatrada por eles. E eu? Eu era o gótico isolado, muleta da garota mais perfeita.

Ela me dava forças para continuar e eu a ajudava com todos os problemas que ela tinha.

Ainda me lembro do dia em que ela me contou que sua mãe falecera, lembro quando vi a primeira cicatriz decorrente dos maltratos causados por seu pai bêbado.

Uma noite, vendo TV, vi o ato que mudou minha vida para sempre.

E aqui estou eu, no enterro da minha amiga, que foi assassinada pelo pai, levou toda a beleza e todo o sentido do mundo. Minha alegria se foi com ela e minha parte bela, enterrada ao seu lado.

"A VIDA NA ARTE"

JULIANA BACKER, 1ª SÉRIE A



4º LUGAR: Luana Abrão (2ª B)

Seus olhos, claros como o mar, brilhavam. A tinta se espalhava pela tela enquanto, em algum lugar no mundo, as pinturas aleatórias de Anna se tornavam realidade.

Assim como suas pinturas, suas palavras também tinham vida, e podiam criar vida. Ao escrever, a menina, clara como a neve e delicada como uma flor, criava e descrevia o mundo. Seu armário era seu melhor amigo, assim como seus cadernos que a consolavam ao ver a menina triste ou a animavam quando ela estava feliz.

Para escrever suas histórias, Anna, que era muito tímida, se escondia em seu armário, onde seus problemas não entravam e poderia criar um novo mundo.

Nesse mundo, toda criança tem um pai e uma mãe que não podem perder. As árvores cantavam suas músicas favoritas, enquanto pássaros contavam histórias sobre uma chata realidade que se parecia mais com uma prisão. Para fugir da prisão, o público dependia de Anna, que tentava lhes agradar com pequenos textos e pinturas.

Anna passava dia e noite escrevendo e pintando o que lhes pediam, até quando suas mãos doíam. Ela se dedicava ao máximo para que ninguém sofresse como ela já sofreu.

Mas aos poucos, a menina percebeu que assim como seus atos podiam ajudar, eles poderiam acabar com muitas oportunidades.

Ela se levantou lentamente e riu ao pensar que andava como uma tartaruga, despediu-se de seu armário, suas pinturas e seus cadernos, que choravam. Com uma borracha, ela apagava suas palavras.

Com tinta branca, limpava suas telas e passou a ver tudo o que construiu sumindo. Chorando, a menina abriu seus olhos e se encontrou no cemitério, onde se encontravam os túmulos de seus pais. Onde percebeu que tinha traçado seu destino, assim como traçava palavras em seus cadernos.

ENSINO
MÉDIO

OFICINA DE ESCRITA CRIATIVA

Em outubro, o escritor Julián Fuks mediou uma oficina de escrita literária para os alunos do Ensino Médio (veja na página 15). A seguir, leia algumas das produções elaboradas na atividade



JULIA GRIPP CHATEAUBRIAND, 3ª SÉRIE A

Encontrava-me deitada. Não havia aberto os olhos e estava recuperando meus sentidos, mas tinha a consciência de que minha cabeça doía. Mexi meus dedos das mãos e senti pontadinhas agudas e úmidas, identificando a possibilidade de estar deitada na grama molhada. Fiz o mesmo com meus pés, os quais se encontravam descalços. Contudo, ao mexê-los senti uma imensa dor tomar conta do meu tornozelo esquerdo. Então abri os olhos imediatamente, espantada.

Olhei para cima e vi um céu escuro, em uma mistura de cinza com tons arroxeados, e com nuvens rosa. Apoiei-me em meus cotovelos ainda deitada, avis-

tando meu tornozelo ensanguentado, preso em umas amarras, e tentei manter a calma. Desamarrei-os cuidadosamente, tentando evitar a dor. Assim que terminei, me preocupei em olhar ao meu redor, avistando certas górgonas de cimento, aparentando cemitérios, e o local inteiro estava cercado por muros. Uma sensação de pânico tomou conta: afinal, onde eu estava, por que e como havia parado naquele lugar?

De repente, uma voz suave diz meu nome, “Julia”, como se estivesse cantando-o, me transmitindo certa calma. Virei-me e avistei a criatura sentada no alto de uma estátua acinzentada e descascada pelo tempo. Era um menino,

mas não sei dizer se chegava a ser uma criança. Possuía asas, e vestia uma toga. Possuía uma aura verde-clara em volta, cabelos ruivos ondulados que caíam em seu ombro. Encantei-me, não de forma romântica ou erotizada, apenas... Encantei-me pela pequena criatura alada.

Não precisei abrir a boca para que ele dissesse: “Não tenha medo, está aqui pois precisa de proteção”. Não me movi, e perguntei do que ele estava tentando me proteger.

Sua face fechou-se, tudo estava muito rápido, como quando se está embriagado e se perdem alguns momentos, ficam uns espaços vagos na mente.

Uma música calma tocava ao fundo,

aparentando ser “Wish you Were Here”, do Pink Floyd. Após um refrão ele finalmente me respondeu: “Protejo-a do mundo”. Percebendo minha expressão confusa, continuou: “O mundo é perverso. Há pessoas que querem te magoar, te machucar, e eu não quero que sofra por ninguém. Não mais”. Nessa parte, ocorreu um espaço, como anteriormente citado, e eu já estava sentada na grama, quando pedi para ele me libertar, com o discurso de que ia ficar bem, afinal, a vida é uma montanha-russa, às vezes está tudo ótimo, e quando menos se espera, ela te leva para lugares desconhecidos, criando experiências maravilhosas.

A criatura começou a chorar, não disse nada e jogou uma espécie de purpurina ao ar. Fazendo-me espirrar, tossir, e perder o ar, porém, com tamanha violência que fechei os olhos e caí de costas na grama. Quando controlei a respiração e recuperei meu fôlego, abri os olhos e encontrei-me deitada no chão de meu quarto. Eram 3 horas da manhã e eu havia tido um pesadelo... Típico.

Ao levantar-me, manquei e meu tornozelo esquerdo estava todo arranhado, com certa profundidade.

Não voltei a pensar nesse estranho acontecimento, pois era atormentador... Incidentes da madrugada, apenas, não é?

“O BURACO”

MARIA BEATRIZ DA FONSECA,
1ª SÉRIE A



Ele a empurrou. Como ela queria ter ido embora, eu podia sentir isso. Adeus, Alice. Que seus passos e gritos sejam amortecidos pela queda.

Virei de costas para a cena. Tudo que eu tinha era nojo. Eu não era velha, não tinha vivido muito, não tinha nem chegado a contar até dez mil. Mesmo assim eu tinha visto aquilo. Chorei enquanto meu corpo parecia flutuar no ar.

Alice tinha desistido; pelo menos, parecia que tinha. Não consegui evitar olhar os olhos dele. Eram negros por cima do azul. E tudo soava grotesco em sua aparência, embora eu não conseguisse defini-lo em uma palavra – a não ser lindo.

Forcei os olhos me apoiando no canto do muro que separava nossas vidas. Quis gritar, mas fiquei quieta. Me encolhi escorregando pela parede até agarrar meus joelhos, mordi os lábios até eles sangrarem. Acho que esperava que meu sangue pudesse vaziar pela feridinha e eu morresse com a garota.

Ouvi passos em direção ao meu esconderijo. Torci por um segundo para que se tratasse de um psicopata daqueles de filme. Daqueles que matavam a mesma pessoa só que em personagens diferentes. Arrepiei ao perceber como era ridículo o motivo pelo qual eu torcia.

Bati com certa força a cabeça contra o muro. Alguns farelos vermelhos grudaram em meu cabelo e eu só percebi isso quando os passos pararam. Uma descarga de ansiedade me correu e eu tive que olhar.

O maluco tinha sumido. Virado um pó e eu tinha alergia a ele. Respirei fundo enquanto tomei coragem para ir olhar o corpo.



EUA, o novo Big Brother

POR MARCELO GUIMARÃES DOS SANTOS, 3ª SÉRIE D

Em pleno século XXI, décadas depois da publicação de *1984* – romance no qual George Orwell descreve uma hipotética, mas bastante verossímil relação entre sociedade e poder autoritário –, a sociedade contemporânea, passiva e conformada, parece ignorar e aceitar as novas formas de vigilância que os Estados Unidos, o “Grande Irmão” moderno, impõem-lhe diariamente.

Sob uma perspectiva semelhante à do duplispensamento (ato de se enganar conscientemente, proposto pelo livro), o mundo atual também se curva diante de um líder máximo que, tendo consciência de sua hegemonia, sente-se à vontade para interferir em tudo aquilo que lhe convém, expandindo seu poder intervencionista para todo o mundo. Enquanto isso, nada subversiva, a sociedade submete-se à constante vigilância norte-americana, que, apesar de impessoal, é notória e abusiva.

Tal como a entidade “Big Brother”, mas independente de “teletelas” ou de uma “nova língua”, os Estados Unidos, servindo-se de meios menos evidentes, porém efetivos, mantêm um senso de retidão de conduta a partir da

consciência popular de que está, inevitavelmente, passível de observação e vigilância, mesmo sem poder vê-la.

Com a ideia de imperceptível mas sempre presente controle, o poder norte-americano aprofunda o conceito de “poder disciplinar” discutido por Michel Foucault. Assim como proposto pelo filósofo, os Estados Unidos, a partir da vigília constante do indivíduo, fazem com que este introjete e aceite o controle que lhe é imposto, passando a se autorregular, tendo consciência de sua total ausência de liberdade.

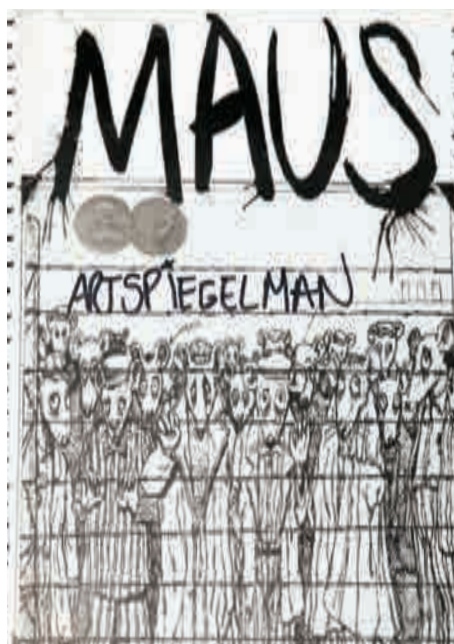
Com o panóptico, estrutura arquitetônica voltada para a vigilância, fundida em diversas novas formas de controle, o poder americano se desenvolve de forma autoritária, sem que o indivíduo tenha como fugir.

Nesse contexto, faz-se necessária não a fuga, mas a subversão. Tendo em vista o abrangente e inescapável controle do novo “Big Brother”, nada que não a oposição árdua será eficaz. Enquanto isso não acontecer, a sociedade contemporânea continuará vivendo em uma lastimável realidade, que mais parece um reality show.

Descrição do Projeto

Artigo produzido para atividade das disciplinas Atualidades, Redação, Filosofia e Sociologia com base na leitura do livro *1984*, de George Orwell, com a seguinte proposta: “Décadas depois do *1984* de Orwell, quem ocupa o lugar do Big Brother agora (e como nos submetemos a ele)?”

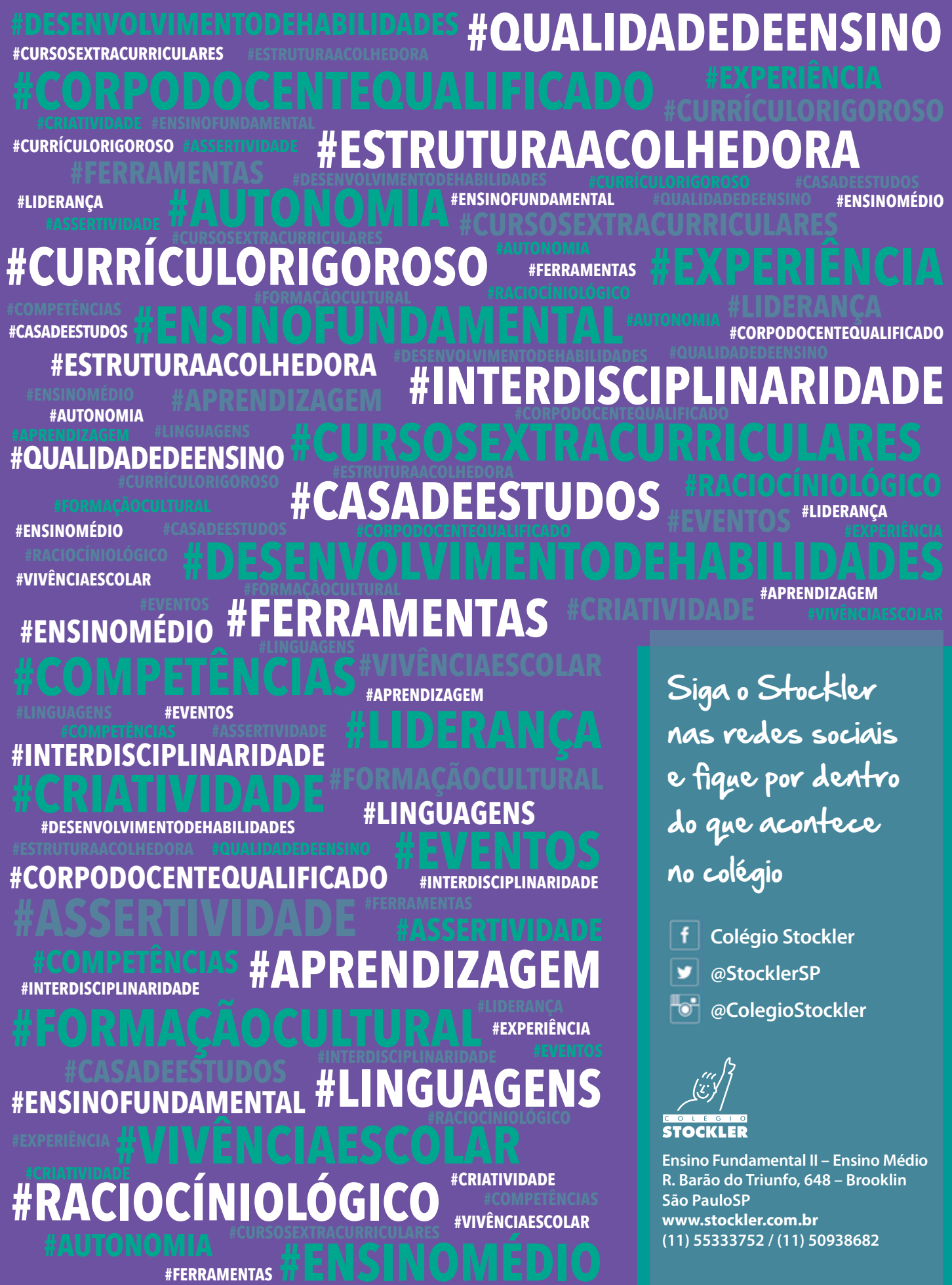
PONTO FINAL



Book Covers

Os alunos do 9º ano leram o livro *Maus* ("rato", em alemão), em que Art Spiegelman conta a experiência de seu pai, judeu polonês que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz. Nas aulas de Inglês e Redação, foram produzidos resumos, resenhas e novas capas para a obra.





Siga o Stockler
nas redes sociais
e fique por dentro
do que acontece
no colégio

 Colégio Stockler

 @StocklerSP

 @ColegioStockler



Ensino Fundamental II – Ensino Médio
R. Barão do Triunfo, 648 – Brooklin
São Paulo SP
www.stockler.com.br
(11) 55333752 / (11) 50938682